



# BOOK CARD

Please keep this card in  
book pocket

VESPERAL

ARTIAL TITLE

10 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80



1 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80

## THE LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA



ENDOWED BY THE  
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC  
SOCIETIES

PQ9697  
.C42  
V4  
1928

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

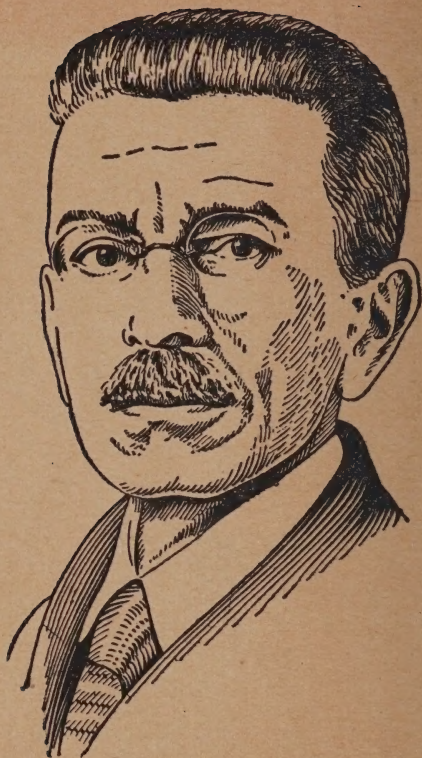
[illegible]







VESPERAL



COELHO NETTO



RC  
C  
COELHO NETTO

PQ9697  
.C42  
V4  
1928

# VESPERAL

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.ª  
editores — Rua das Carmelitas, 144

—  
1928



## Obras de COELHO NETTO

- |       |   |     |   |
|-------|---|-----|---|
| 1     | O Meio.                                   | 58  | Patria brasileira (com O. Bilac).                                     |
| 2     | Rhapsodias.                               | 59  | Vida mundana.   |
| 3     | A Capital Federal.                        | 60  | Scenas e perfis.  |
| 4     | Praga.                                    | 61  | Alma.   |
| 5     | Balladilhas.                              | 62  | Mysterio do Natal.  |
| 6     | Bilhetes postaes.                         | 63  | Palestras da tarde.   |
| 7     | Fruto prohibido.                          | 64  | Banzo.  |
| 8     | Miragem.                                  | 65  | Melusina.   |
| 9     | O rei fantasma.                           | 66  | Rei negro.  |
| 10    | A colonia portuguesa no Brasil.           | 67  | Contos escolhidos.  |
| 11    | Sertão.                                   | 68  | Versas.   |
| 12    | Album de C. liban.                        | 69  | O mar.  |
| 13    | America.                                  | 70  | Falando...  |
| 14    | Pelo amor!                                | 71  | A Politica.   |
| 15    | Programma e commentario do Pelo amor.     | 72  | Discurso ao Conde Pereira Carneiro.                                   |
| 16    | Inverno em flor.                          | 73  | Frutos do tempo.  |
| 17    | O morto.                                  | 74  | Athletica.  |
| 18    | Romanceiro.                               | 75  | O mysterio (com A. Peixoto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Corrêa). |
| 19    | A descoberta da India.                    | 76  | A Portugal.   |
| 20    | O Paraíso.                                | 77  | Mandamentos civicos.  |
| 21    | Seara de Ruth.                            | 78  | Breviario civico.   |
| 22    | O raja do Pendjab (2 vol.                 | 79  | Conversas.  |
| 23    | Artemis.                                  | 80  | Vesperal.   |
| 24    | Hostia.                                   | 81  | O meu dia.  |
| 25    | Lanterna magica.                          | 82  | Discurso na Liga da Defesa Nacional.                                  |
| 26    | A terra fluminense (com Olavo Bilac).     | 83  | Encyclias.  |
| 27    | A conquista.                              | 84  | Frechas.  |
| 28    | Por montes e valles.                      | 85  | Carnaval.   |
| 29    | Saldunes.                                 | 86  | Orações.  |
| 30    | Tormenta.                                 | 87  | Fogo de vista.  |
| 31    | A caridade.                               | 88  | Oração dos Empregados no Commercio.                                   |
| 32    | Memoria sobre arte.                       | 89  | As quintas.   |
| 33    | Apologos.                                 | 90  | Mano.   |
| 34    | A Bico de penna.                          | 91  | Pelos cegos.  |
| 35    | Contos patrios (com O. Bilac).            | 92  | A vida além da morte.   |
| 36    | Compendio de litteratura brasileira.      | 93  | O polvo.  |
| 37    | O arara.                                  | 94  | O evangelho nas selvas.   |
| 38    | Agua de Juventa.                          | 95  | Immortalidade.  |
| 39    | Theatro infantil com O. Bilac).           | 96  | Amor.   |
| 40    | A palavra.                                | 97  | Feira livre.  |
| 41    | Pastoral.                                 | 98  | Canteiro de saudades.   |
| 42    | Turbilhão.                                | 99  | Contos da vida e da morte.  |
| 43    | Treva.                                    | 100 | Os tres irmãos.   |
| 44    | O fogo.                                   | 101 | O sapato do Natal.  |
| 45    | A agua.                                   | 102 | Velhos e novos.   |
| 46-51 | Theatro (6 vol.).                         |     |   |
| 52    | As sete dôres de N. Senhora.              |     |   |
| 53    | Fabulario.                                |     |   |
| 54    | Jardim das oliveiras.                     |     |   |
| 55    | Esphynge.                                 |     |   |
| 56    | O Instituto de A. e protecção á infancia. |     |   |
| 57    | Conferencias litterarias.                 |     |   |
|       |   |     | No prélo:   |
|       |   | 103 | Bazar.  |
|       |   | 104 | Vencidos.   |
|       |   | 105 | A cidade maravilhosa.   |
|       |   | 106 | Livro de prata.   |
|       |   | 107 | Fogo futuro.  |

LIBRARY UNIV. OF  
NORTH CAROLINA

*Entre o dia e a noite ha um extase. O sol detem-se um instante no limiar do occaso para olhar o mundo pela derradeira vez. Contempla-o e some-se. Acompanham-no, em cortejo melancolico, as mesmas nuvens que, alegremente, o precedem ao romper d'alva. De manhan sahem contentes como ovelhas que se precipitam á lacres, mal o pastor abre o redil; á tarde recolhem-se saudosas, com pena de deixar o ceu.*

*O dia apaga-se. É uma pagina que se volta para todo o sempre no livro que se não relê.*

*O que nos fica de cór é a lembrança fixada na saudade.*

*O sol faz o seu giro e reapparece na manhan seguinte com o mesmo calor e o mesmo brilho; nós acordamos diminuídos, porque deixamos na vespera alguma coisa que nunca mais encontraremos.*



*Recordar é viver de esmolas, apanhando restos aqui, ali. É o que fazemos, pobres de nós! batendo humildemente á porta da casa da Memoria, que é a guardadora das ceifas.*

*Este livro é feito com apanhaduras respigadas, á pressa, aos ultimos raios do sol da mocidade.*

*Começa a escurecer. D'ora avante, sem sol, trabalharei á luz da lampada.*

*Vesperal, livro crepuscular, ultimas fantasias.*

*Que saudade da luz e das minhas illusões!*

*O sol lá anda pelos antipodas, sinto-lhe ainda o calor, mas a sua claridade... essa não a verei mais, nunca mais!*

*Julho, 1922.*



## O Riso e a Lagrima

---

— Eu sou a Lagrima.

— Que fazes ?

— Carrêo as maguas do coração para o abysmo do esquecimento. Sou como um rio a correr para o mar levando folhas mortas. E tu ?

— Eu sou o Riso.

— Que fazes ?

— Illumino a Vida.

— És a Morte. A tua lampada é a caveira onde ficas perenne. Eu sou a Vida.

— Por que ?

— Porque, sendo ephemera, brilho e passo. A caveira não chora porque não ha dôr na Morte.

— Sendo assim, o Riso é eterno porque se conserva desabrochado dentro mesmo do tumulo.

— Eterno como a illusão, jardim que não existe, onde, entretanto, todos vão colher a Esperança.

## A Filha da Verdade

---

Com as ázas do pétaso e as do calca-neo ainda fremindo, Hermes entrou no Zodiaco, adiantando-se, de rompante, até a presença de Zeus. O seu corpo, airoso e agil, exhalava um arôma agreste de sil-vedos que despertou nos deuses sauda-des da terra.

Graves noticias devia levar o alado mensageiro para que tão desabridamen-te irrompesse na divina assembléa, alvo-roçando as pombas meigas de Aphrodite



e fazendo esvoaçar aos gritos, espavorido, o pavão de Hera veneravel.

Ao vê-lo em tamanha arrancada, com a physionomia descomposta e arquejando, Zeus, sempre sereno e magnifico, contendo a aguia, que se arrufára, estalando o bico e batendo as azas em menção hostile, interrogou-o com palavras harmoniosas :

— Por que vens tão d'impeto que nem sacudiste a poeira das abarcas ? Terão, por acaso, os gigantes tentado de novo a escalada do Olympe ? Terá Poseidon, sublevador das vagas, perdido o dominio dos mares ou os fogos de Hephaistos romperam das profundezas queimando as seares e as vinhas, que são a alegria e a fortuna dos homens ?

— A tua ironia sorri na sublimidade da tua força, ó Zeus ! Nada do que dizes poderia dar-se sem tua sciencia, porque tu és a Ordem e governas, serena e inexoravelmente, os deuses e os homens. O que aqui me traz, magnanimo, e com ur-

gencia que não consente demora, é o perigo em que se acha uma das tuas filhas e das mais amadas de ti.

— E qual é ella ? Seu nome ?

— A Verdade.

— Uma das mais amadas do meu coração, dizes bem, e a preferida do meu espirito. E que perigo a ameaça ?

— Fui encontrá-la chorando, á borda de uma cisterna, fugida dos homens, que a apedrejam, ameaçada pelos que frequentam os paços ; pelos que vendem nos mercados ; pelos amphictyões, que legislam ; pelos que oram, na ágora ; pelos sacerdotes que officiam nos templos ; pelos hierodulos que rondam os oráculos ; pelos que exercem as artes ; pelos que cultivam as sciencias ; pelas matronas que vivem nos gyneceus e pelas mulheres que, á noite, coroadas de rosas, sobem, em bandos, desde o Pireu até o Ceramico, pela estrada ruidosa de Phalero ; pelos amorosos, faceis em juramentos e até pelas crianças. Tanto tem

ella soffrido dos que a detestam, que está á morte e, se lhe não mandares soccorro immediato, talvez não veja florir a proxima primavera.

— Mas a Verdade é immortal, disse Zeus.

— Só Chronos é immutavel e eterno, Padre. Tu mesmo só viverás no tempo atravez dos teus filhos, que serão outros deuses, dominando em outras religiões. A Verdade, porém, desapparecerá sem prole e os homens ficarão privados do esplendor dos seus olhos puros. Só ha um meio de conservar a belleza que fenece : é casa-la, desde já, para que transmitta a um filho o que a faz admiravel e amada dos deuses.

— E não haverá entre os deuses um que a queira por esposa ?

— Os deuses preferem a Illusão. Á beira do Estygio moroso existe um ser que se prestará a desposá-la. Esse, porém, não o fará pela belleza do rosto, nem pela graça do corpo, nem pelo es-



plendor dos olhos, nem pela suavidade da voz da tua filha, mas pelos cabedaes que lhe déres, se forem em ouro bom, em pedras de valor, em purpuras retintas e em glorias bem apregoadas.

— E esse quem é ?

— O Interesse.

— Pois vai e offerece-lhe o dóte que te parecer e que se celebre o casamento antes que desabrochem as flores já abo-toadas nas arvores.

Lésto, batendo ligeiramente as azas, baixou do Olympo o divino correio indo logo á Verdade. Tomou-a comsigo e desceu á lugubre estancia.

Apezar de combalida, quando a noiva cruzou a portada do inferno, um clarão illuminou-o e os lemures taciturnos, que erravam á beira da lagôa tristonha, rejubilaram com a sua presença. E celebraram-se as bodas.

Não teve o Interesse olhos para a belleza da noiva suave, porque os não tirava, e accesos em cubiça, dos riquissi-

mos presentes que, por ella, recebera — sopesando os vasos de ouro, examinando, á luz, as gemmas lapidadas e desdobrando as purpuras attalicas.

E a misera, abandonada, ficou-se encolhida a um canto e ali jazeu, definhando, só e triste.

Por ella passavam, envesgando olhares de desprezo, a Inveja e todas as damas da côrte da Mentira: a Intriga, a Maledicencia, a Calumnia.

Um dia sentiu-se mal a desventurada e entrou a gemer, a chorar, retorcendo-se de dôres. Acudiu a Inveja aos seus gemidos, não por pena, mas pelo goso de a vêr, de perto, destigurada pelo soffrimento.

A coitada expirou sem soccorro sahindo-lhe da morte uma vida, que foi a filha, infanta de alvura de neve e formosura rara.

Foi necessario dar-lhe ama e, como as offertas fôsem generosas, apresentou-se a Ambição inculcando-se para cria-la no

seu regaço, educa-la nos seus princípios e instrui-la com os conselhos da sua longa experiencia. E a menina cresceu, desenvolveu-se em belleza e em graça, aperfeiçoando-se nas lições que recebera da ama.

O coração, sem ternura, encheu-se-lhe de desejos e nelle entrou a Vaidade com o seu engenho astucioso, inspirando-lhe fingimentos, que eram como mascaras para o rosto e embustes em que envolvia as palavras.

Chegando á idade em que os olhos ardem e o collo anseia em desejos, quiz sahir para o mundo. Hermes, que a vira nascer e a estimava, ainda que lhe conhecesse o fundo do coração, levou-a á presença de Zeus.

Pasmou o olympico deslumbrado com a belleza da donzella e disse, ameigando-a no rosto :

— É linda ! E lembra, nas feições do rosto e no donaire, a misera que deu a vida por ella. Que nome tem ?

— Ainda nenhum, disse Hermes. Lembra a mãe nas feições do rosto e no donaire, a alma, porém, é do pai e ainda aperfeiçoada pela da que lhe deu o leite da vida. O que ha nella da Verdade é sómente a apparencia.

— E que nome propões, tu que a conheces ?

— Eu lembraria o que, a meu vêr, mais lhe convem — Hypocrisia.

— Pois seja, concordou Zeus, e que viva !

— Ha de viver e será eterna, affirmou Hermes.

E foi com tal nome que appareceu e triumphou na vida a filha da Verdade.

## Palavras

---

Entrara um philosopho no Areópago e, ouvindo dizer que occupava a tribuna um dos mais eloquentes oradores, perguntou :

— Desde quando ?

— Ha duas horas que fala e, pelas notas que tem diante de si, creio que ainda falará outras tantas.

— Sendo assim, deixo-me ficar onde estou, porque, sempre que posso, evito a podridão.



Como o outro não comprehendesse a replica, o philosopho explicou :

— Discursos politicos são sempre terra : ou de vida ou de morte — vão á semente ou correm á carniça.

Com um punhado de terra faz o lavrador um leito de fecundidade para o que planta, mas para esconder uma putrilagem, de modo que não tresande, são necessarias carradas e ainda cal mordente e uma pedra em cima.

Se ha vida no que se pleitêa poucas palavras bastam para impor a razão. Discursos de horas, com allegados e textos, exemplos, similes e comparações, muito acarreto e tropos são demais para sementes vivas.

Se vires um homem aforçurando-se em cobrir com muita terra e pedras alguma coisa, evita-o com desconfiança, porque — se não fôr criminoso, será louco, salvo se fôr coveiro de officio, porque, então, estará a fazer o que deve.

## O segredo do Mago

---

Ao despedir-se do rei, que o acompanhára em grande pompa até a aba da montanha, disse o homem maravilhoso :

— No dia em que eu conseguir lêr na alma o pensamento, como leio nos livros os hymnos dos poetas e os dictames dos philosophos, farei accender almenaras em todas as torres do castello solitário, onde me vou encerrar com os meus companheiros de meditação.

Dos astros conhecemos a natureza e

a vida, podendo annunciar, com antecedencia de seculos, a vinda de um cometa, e nada, entretanto, sabemos do que vibra em volta de nós, e em nós mesmos. Confiai em mim e, dentro em breve, não tereis necessidade de tantos guardas que vos defendam com armas, porque penetrareis o pensamento de todos os vossos vassallos e, antes que elles vos armem traições, ter-se-ão, por si mesmos, denunciado. E, assim, com os olhos apenas por vigias, vivereis em paz e segurança.

Disse e partiu pelos caminhos acclivos da montanha.

Quantos annos já volvidos sobre tal promessa !

O rei, a quem ella fôra feita, jazia em rico mausoleu de marmore, dentro de sarcophago de ouro e assumira o governo o seu primogenito.

Tornasse á vida a metade sómente dos que haviam morrido desde a hora

em que o mago se retirara á montanha e a cidade que, uma quadriga fogosa, correndo á redea solta, levaria dois dias e duas noites para fazer-lhe a volta das muralhas, seria pequena para contê-los.

E por que não se accendiam as almenaras nas torres ? Que faltaria ao homem predestinado e aos seus auxiliares para dar cumprimento a tão antiga promessa ? Elle, que lia na luz dos astros, que interpretava a voz dos animaes, que tirava auspícios do vôo dos passaros ; elle que, com um breve aceno ou com uma simples palavra magica, desviava o curso das aguas, espalhava no céu as nuvens tempestuosas, revaçava searas esmarridas, levantava em muralhas as aguas do oceano, como fizera Moysés com as do Mar Vermelho para dar passagem aos israelitas, por que não havia de realisar tão facil milagre ?

Nada lhe faltava. Todos os mezes, pela lua cheia, uma caravana de viveres subia até as penhas negras, que eram os



marcos de limite aos caminhos vedados, nos quaes ninguem se atrevia por terem todos certeza de que a propria Morte os guardava. E, afim de que nada perturbasse o silencio, tão necessario ao pensamento, como o é a noite á germinação, roldas de archeiros percorriam os alcandores abatendo a tiros de frechas as aguias atrevidas para que, com os seus gritos, não distrahissem os que meditavam na solidão.

E, apesar de tão longos annos transcorridos e tão sollicitos cuidados, as torres permaneciam apagadas e já o novo rei, impaciente, começava a murmurar contra o mago e os do seu concilio, quando, uma noite, a sentinella do palacio real clangorou triumphalmente, avistando clarões nas torres do castello alpestre.

Foi um alvoroço em palacio e o rei, na ansia da descoberta, ordenou aprestos immediatos e, antes do romper d'alva, tubas, tambores e frautas annunciaram

a partida da comitiva régia para a montanha, em cujo cimo resplandecia uma corôa de luz.

Ia, enfim, o rei tornar-se senhor da maior e mais bella conquista que, até então, fôra dado a um principe realisar.

Cidades fortes, de muralhas altas, se não cediam a catapultas, vineas e ballistas, rendiam-se á fome e á sêde; frotas, ainda as mais poderosas, sosso-bravam ao choque de esporões de bronze, abordadas por naves de alto porte e guarecidas de válidos guerreiros; o incendio levava de vencida as mais aman-telladas fortificações. Que valiam, porém, taes feitos de força e animo comparados á victoria serena alcançada, lá em cima, perto do céu, com o auxilio dos espiritos ethereos, pelo grande sabio, dominador da Natureza? Forçar e tomar de assalto cidades e reinos era acção propria do homem; para vencer as barreiras d'alma e penetrá-la só um deus.

Chegando o rei ante o portão de bronze do castello que, por si mesmo, se abriu, logo se lhe depararam, no vestibulo, varios esqueletos e outros lhe appareceram ao longo dos corredores e em cellas. Por toda a parte encontrava signaes de morte e o silencio era de catacumba. De vivos nem sombra.

Caminhava corajosamente e os seus passos resoavam nas lages repercutindo em echos que se desdobravam nas abobadas soturnas.

Deparando-se-lhe enorme escadaria foi-se por ella, como attrahido. Ao alto, de pé junto a uma tripode flammejante, vestido de negra samarra, o mago esperava, immovel como uma estatua.

Por que assim se lhe apresentaria o homem prodigioso : de negro, junto de um lume livido, sem um só dos que o haviam seguido como auxiliares ?

Foi o proprio mago que rompeu o silencio, porque lêra o pensamento que

revoluteava n'alma do rei e, antes que elle o puzesse em palavras, adiantou a resposta :

— Senhor, quando aqui me recolhi ereis infante de berço e já se vos tingem d'alvo os cabellos. Só agora, entretanto, posso dar conta do que prometti. Vistes, lá em baixo, pilhas de esqueletos. É o que resta dos que me acompanharam.

— Morreram ?

— Matei-os eu, a um por um.

— Vós ! ? E porque ? Trahiram-vos ?

— Não. Auxiliaram-me com sabedoria e dedicação, sempre fieis até o momento em que os feri de morte.

— E porque tal fizestes ?

— Para que não revelassem o segredo que me ajudaram a desvendar.

Tirando, então, do seio um rolo de papyrus, estirou-o ante os olhos do rei, dizendo :

— Aqui tendes, em caracteres hermeticos, o resultado de meio seculo de investigação paciente : a chave do pen-



samento humano. Por mais dissimulado que fôsse quem se vos apresentasse não conseguiria encobrir a verdade ante o prestigio deste talisman. A mentira e a hypocrisia seriam tanto diante do que aqui tendes como um vidro opposto a qualquer objecto, atravez do qual tudo transluz. Assim andarieis na vida, que é uma floresta escura de traições e perfidias, como o que caminha á noite com uma lanterna adiante. Eis aqui a chave dos segredos d'alma — se eu vo-lo dêsse nunca mais terieis um instante de ventura e como, para que outros soffressem, como, de certo, havieis de soffrer, espalharieis, despeitadamente, o terrivel segredo, em vez de melhorardes a vida torná-la-íeis insupportavel.

Deus estendeu no espaço o azul, que é uma illusão, para que não vissemos o vasio e creou a Morte para que não vissemos o Nada. A illusão é o alimento da Esperança e porque havia eu de o destruir ?

Príncipe, contentemo-nos com a vida, tal como nô-la deu o Creador. O segredo do Pensamento aqui está. Os que commigo o descobriram não o podem revelar e eu . . .

Chegando, então, o rolo á tripode flammejante logo o envolveram as chamas.

— Que fizestes ! bradou o rei, tentando ainda salvar o papyrus que ardia.

— Devolvi ao mysterio o que jámais delle deve sahir para que se mantenha a illusão, que é a unica felicidade da vida.





## A arvore dos pobres

---

Quando a mulher voltou a si, entre os pescadores que a retiraram do lago, um delles, justamente o que a agarrara pelos cabellos e a içara ao barco, disse, reconhecendo-a :

— É a mendiga de Gerasa. Com esta é a segunda vez que se deita a afogar.

Como a infeliz estava quasi nua via-se-lhe no peito, tanado e ossudo, uma larga e funda ferida que, em furia de morte, ella abrira e esborcinara.

Jesus, que se achava entre os discipulos, chegou-se á misera, compoz-lhe a nudez macilenta e, sentando-se na mesma pedra em que a haviam encostado, tomou-lhe a mão gelida e engelhada e, docemente, a interrogou :

— Por que buscas a morte ?

Retrahiu-se a coitada e, commovida com o som daquella voz, que lhe chegava ao coração, respondeu humildemente, do fundo do seu vexame :

— E de que me serve a mim a vida ? A morte é somno e é bom dormir. O sol abre-me a chaga da angustia. Ai ! de mim . . . As aves e os bichos molles, que rastream visco, fartam-se nas vinhas e nas searas maduras ; só eu não acho migalha e, se entro em campo restolhado, sahem-me em cima os donos e açulam cães contra mim. De que me serve a vida ? A minha casa é um sepulcro e a terra, em volta, é tão secca que nella nem o cardo vinga : lisa, reluz ao sol, e as chuvas escorrem por ella como as torren-

tes nas pedras. De que me serve a vida ? Deixai-me acabar que não faço falta a ninguém. Será uma sombra de menos na terra.

Então Jesus, que a ouvira compadecido, falou misericordioso :

— Se não trouxesses os olhos sempre de rastros, como aves feridas, verias o que ha no céu. O olhar que se eleva contempla ; o olhar que se abaixa não vê mais que tumulos. Se levantasses a vista andarias na vida como o que corre os mares guiando-se pelas estrellas. O olhar é um vôo. O infinito tem horizontes : a noite é um, a morte é outro. O além da noite, é o dia ; o além da morte, é a vida. Só a eternidade é ampla. O que não busca na vida o allivio do sonho definha e succumbe envenenado pela melancolia. Leva esta semente, planta-a e verás nascer uma arvore de consolação.

Disse e despediu a mulher, que o ouvira extasiada.

Foi-se a infeliz por veredes escabro-

sas, deixando nos caminhos aridos um rastro de humidade e, chegando á terra do seu assento, que era como um lageado ao sol, fez uma cova e plantou a semente.

Entre pedras eriçadas d'urze uma cigarra abriu o canto e na terra abrolhou a semente, estirou haste, desenrolou foliolos, cresceu aos impetos, desenvolvendo o tronco, lançando ramos e, quando a cigarra cessou de chiar, arvore trondosa alargava a copa viride alegrando o ermo funerario.

A gerasena exultou e sorria andando em volta da arvore, mirando-a, apalpan-do-a, sentindo-lhe o cheiro seivoso e, como o calor estuava, acolheu-se á ramagem, mas o sol passava por ella como atravez de um crivo. Tanta, porém, era a ventura da mulher que não sentia o calor, ainda que intenso, como de um fogo.

Á tarde juntaram-se cigarras nos ramos e, toda a noite, entre as folhas, cantou um rouxinol.



Nublou-se o outono e começaram a amarellecer e a cahir as folhas, menos as da arvore de consolação, que reverdeciam ainda mais. E a gerasena exultava :

« No inverno terei lenha que farte ! . . . » E veio o inverno geoso. E a arvore sempre verde.

A mulher reuniu um feixe de ramos, chegou-lhes lume. Debalde ! As accendidas rechinavam retorcendo-se, silvando, amojadas de seiva ; e não houve inflammá-las. A gerasena tiritava e sorria contemplando a arvore sempre viçosa, á neve.

« É pena que não dê flores. É pena que não dê frutos. É pena que não dê sombra. É pena que não dê lume. Tão verde ! Tão linda ! Talvez por ser nova é que assim seja ; envelhecendo será como as outras. » E, fiada na arvore, não descorçoava.

Madrugava nas granjas : sorria se lhe davam esmola e não desesperava

quando a repelliam. E nunca mais pensou na morte.

Viveu assim longos annos até que, um dia, velhinha, sentindo grande fraqueza e frio, arrastou-se do sepulcro para junto da arvore, ao sol. A morte esperava-a e assaltou-a.

Na agonia ainda tentou abraçar-se com o tronco, mas cruzando os braços sentiu apenas o peito. E a arvore era como um raio de luz, que se vê, mas que se não prende.

E a velhinha morreu com saudade da vida.

E a arvore lá ficou criando sementes, que o vento espalha. E não ha quintalejo de pobre onde não medre, como medrou na terra da gerasena, formosa, promettedora, mas sempre esteril : sem dar fruto, sombra ou lume.

Essa é a Esperança, arvore de illusões, que é a unica alegria na terra do pobre.

## A sombra

---

Quando o homem sahio a jornadaear na vida appareceu-lhe em caminho uma companheira mysteriosa que, de manhan, o precedia, como a guiá-lo e, á tarde, talvez por fatigada, deixava-se ficar atraz, sem, todavia, abandoná-lo, nunca! Não fôra tão solícita em vigiá-lo sua propria mãe que, muita vez, o deixara adormecido no berço, afastando-se, de manso, para colher o fruto, mungir a ovelha ou encher a bilha no manancial.

No começo a estrada era macia al fombra, por entre arvores floridas, soando gorgeios de passarinhos. O sol, que a alumiaava, era brando e, por milagre, assim que apertava a fome ao caminheiro, logo lhe appareciam alimentos ; se sentia sêde, fontes denunciavam-se na espessura com o fresco murmurio d'agua ; se esfriava, mantos envolviam-no ; se aquecia, fechavam-se sobre elle sombras de verdes ramos e uma voz meiga seguia-o cantando, e era a voz de sua mãe.

Caminhando, e com elle a Sombra, chegou ao primeiro diversorio, onde o esperavam as Illusões.

Lindas e alegres moças ! E como o acolheram festivamente ! Falaram-lhe da vida, qual com mais enthusiasmo, descrevendo-lhe os caminhos faceis, todos em rumo á ventura. Lindas e acolhedoras moças !

Quando as deixou sentiu-se o caminheiro roubado no melhor dos seus sonhos. Ladras !



Poz-se a caminho e, com o sol a pino, achando-se num campo arido, onde havia dunas, descobriu uma arvore viçosa carregada de frutos.

Correu para a sua sombra e achou-a mais cálida do que a luz do sol. Tomou-lhe um dos frutos, levou-o á boca e, trincando-o com avidez, nada sentiu ; nem polpa, nem sumo, nem sabor. Examinando-o, então, viu que era um flóco de espuma, que se dissolvia. E soube que a arvore chamava-se : Esperança.

Continuou na jornada e a Sombra sempre com elle.

Chegou a um castello e, vendo á janella gothica um rosto de belleza estranha, que lhe sorria, parou extasiado. E a Sombra parou com elle. E, tanto lhe foram os olhos para a ogiva que, pelo raio do seu olhar desceu, rendido, o coração da castellan.

Que alegria ! Tomou-o e, abrindo o peito, guardou-o junto ao seu. E, contente de tal fortuna, poz-se a cantar, feliz :

«Tenho dois corações commigo : o meu e o da minha amada.»

Ao cahir da noite sentiu doer-lhe o peito e, apalpando-o, achou tão combatido o coração que, para o alliviar, teve de fundir em lagrimas uma parte delle. E fôra o coração perjuro da castellan que o maltratara, desprezando-o, depois, com uma ferida aberta e sem cura.

E o caminheiro proseguiu, seguido da Sombra e, andando, avistou, reluzindo ao sol, uma arvore de folhagem de ouro, que era a Gloria. Quem lhe arran-casse um galho e com elle entretencesse uma corôa seria o maior entre os homens.

Encaminhou-se para a arvore, a dois passos, com a mão estendida para os galhos de ouro. E veio a tarde, e elle caminhando. Poz-se a correr, e a arvore no mesmo sitio. E veio a noite e a arvore resplandeceu, esplendida. E elle corria.

Cantaram as aves da madrugada, surgiu o sol, empallideceu de novo, e

elle a correr. E a arvore sempre perto, a ponto de elle pisar-lhe a sombra sem que, entretanto, conseguisse chegar-lhe com as mãos aos ramos.

Desesperado de alcançar o que ali tinha tanto a si e tão difficil de attingir, como as estrellas do céu, proseguiu e, com elle, a Sombra.

Caminhando de olhos baixos viu reluzir na arêa uma moeda de ouro. Era a Fortuna. Apanhou-a.

Tinha fome e pediu pão. Não havia trigo. Tinha sêde e pediu agua. Não havia fonte. Tinha frio e pediu fogo. Não havia lume. Então revoltou-se. De que lhe servia o ouro ? O ouro só compra o que existe, e é por isto que não realisa a felicidade. Lançou fóra a moeda inutil e foi-se.

Por fim, já velhinho, com a Sombra a segui-lo, lenta e curvada, chegou ao sopé de um monte e, levantando o olhar, avistou no cimo escaldado uma capellinha branca.

« Ali está Deus ! » suspirou. E poz-se a subir.

Quando chegou, cançadamente, ao alto, foi direito á capella.

A porta estava aberta. Entrou.

Um vulto de monge jazia no meio da nave ajoelhado, a orar. O caminheiro ajoelhou-se-lhe ao lado e, com elle, a Sombra inseparavel.

Vendo que o monge não se movia, tocou-lhe, de leve, no braço e o vulto aluiu na lágea e da poeira em que se lhe desfez o burel rolaram ossadas. Era quanto restava do que fôra um santo.

Sentindo-se só, o caminheiro olhou em volta, espavorido, e, para fugir áquella desolação e ultimo desengano, sahiu para o adro e, ao sol da tarde, deu pela Sombra, que o não deixava, e exclamou :

— Todos abandonaram-me, só tu me acompanhas fiel, sem trahir-me. Quem és ?

E a Sombra adiantou-se, como attrahida por elle, e penetrou-o. E elle sen-

tiu-a no sangue, sentiu-a no cerebro, sentiu-a nos olhos, sentiu-a no coração e ouviu-a falar :

— Eu sou a Morte, que te acompanhei na vida.

E taes foram as ultimas palavras que ouviu o caminheiro, as ultimas e as unicas verdadeiras.





## O meu cofre

---

Oh ! se me lembro ! . . .

Era um lindo cofre de crystal com fecho de ouro, cheio de esperanças. O meu prazer era expô-lo ao sol para o ver brilhar.

— Não andes com esse cofre por toda a parte, diziam-me. Podem roubar-t'o e se te cahir das mãos, fragil como elle é . . .

Eu ria de taes conselhos.

— Como é lindo ! exclamavam todos

e eu, contente e orgulhoso, abria-o para mostrar o meu thesouro. Um dia pediram-m'o para vê-lo. Tolo que eu era ! Dei-o.

Tanto a pessoa o virou nas mãos, tanto o abriu e fechou que, por descuido ou maldade, o deixou cahir nas pedras.

O que eu chorei ! Puz-me a apanhar os cacos : um aqui, outro ali. Vendo-me alguém em tal trabalho interrogou-me :

— Que andas a procurar entre as pedras do caminho ?

— Os pedacinhos do cofre das minhas esperanças. Quebraram-m'o. Quero ver se o concerto.

— Concertá-lo . . . ! Cofres desses, uma vez quebrados, não ha concertá-los. Por mais que busques sempre faltará um nadinha e pelo orificio que delle ficar ir-se-á tudo que no cofre houver.

Palavras verdadeiras !

Tanto catei entre as pedras os minimos fragmentos que, pacientemente, consegui recompor todo o cofre. O que lhe fi-

cou faltando era tão pouco que só eu o percebia. Esse pouco, entretanto, era tudo porque por ahí escoaram-se todas as minhas esperanças.

Vasio, fiz com elle o que se faz com os vasos delicados, que exigem peso para firmar-se onde ficam : enchi-o de saudades, arêa do fundo do coração, sobre a qual rolam os dias, que são as ondas do Tempo, depositando no fundo tudo que nelle cahe.

Cofre da minha felicidade . . . ! Até hoje procuro o escassilho que lhe falta, tão pequenino, mas que abriu uma fenda quasi imperceptivel por onde se foram todas as minhas esperanças e entram as desillusões. Bem me disseram :

— Cofres desses, uma vez quebrados, não ha concertá-los mais . . . !





## Boi de Piranhas

---

Com a orvalhada nocturna todo o al-margem humido luciluzia scintillante-mente em brilhos diamantinos. Rolos de nevoas evoluíam em languidas meadas, que se desenrolavam frouxas, diluindo-se vaporosamente no ar.

Nuvens esfumeas, diaphanas, elevavam-se da terra chan, pairavam oscillantemente em preguiçosa arfagem e, em alor molle, defluíam lentas, como saudosas das hervas odorantes nas quaes haviam passado a noite fria.

Os cimos empoeiravam-se de lucida polilha de ouro. Aguações arundínios refulgiam espelhantes e o azul, descobrindo-se, apparecia, ás nesgas, luminoso e fino, sob a fuga tenue do nevoeiro flacido.

O rio largo, entre areaes alvadios, deslisava barrento, moroso, espumejando em trocos, aqui, ali, sobre cabeços de rochas anegadas.

E pela agua, no liso da corrente, desciam em bubuia, ramos, hervagens, por vezes camalotes com flores vivas e aves.

Os vaqueiros campeavam aos brados, reunindo a boiada profuga.

Era uma estropeada tumultuosa: touros possantes, d'olhos esbrasidos, vaccas chocalhando cincerros, badalhocando as tetas em badanas, com os bezerros á cóla; novilhos sarapantados, alguns corcoveando ás upas, escouceando, arremettendo ás cornadas.

Um barbatão, de toutiço em caruncula, estacou, atrevido, escarvando a

terra furiosamente. E o abôio dos vaqueiros atroava na barafunda do ajuntamento.

E, enquanto elles atropelavam bandos ou reconduziam garranos tresmalhados, o vaqueano, caboclo rijo, de olhos duros, pelle tanada e toda em estrias, como rachada ao sol, ia e vinha a cavallo pela barranca, olhando attentamente o rio marulhoso, onde, ás vezes, um peixe saltava d'espadana, chapejando nagua que se abria em circulos ondulantes.

Subito, em um ponto mais escuro do rio, a agua lurida trisou-se férvida, em borbulhas. O vaqueano, estribando-se, de pernas tesas, empinou-se no lombilho, bradando logo aos vaqueiros :

— Lá estão ellas ! . . .

Foi um instantaneo reboiço entre o gado, todo o armento agitou-se com a investida inopinada dos vaqueiros, que mettiam os cavallos, como arietes, rompendo a molle viva. Deram em cima de um velho boi espácio, carreiro como as-

signalava a argola que lhe tinia na ponta de um dos chifres largos.

Perseguido, arrancou do bando ; dois ferrões, a um tempo, picaram-lhe as ilhargas e o animal, varando por entre os companheiros, partiu desabrido, correndo direito á barranca.

O vaqueano mostrou de novo o ponto effervescente :

— É ali !

E o velho boi, espicaçado a agulhadas, atordoado com a grita dos vaqueiros, precipitou-se ribanceira abaixo, resvaladiamente, entrou no hervaçal, onde se deteve um instante, a olhar espavorido, como se adivinhasse o destino que o esperava.

Á apuada mais rija o sangue aflorou-lhe á anca entrezilhada. O misero estrebuchou mugindo doloridamente e, com resignação de martyr, atolando-se na lama, entrou nagua e foi-se lentamente nadando, de cabeça alta, atravez da corrente barrenta.

E o vaqueano, voltando-se para os vaqueiros, que olhavam attentos, promptos á primeira ordem, atirou o braço em gesto decisivo :

— Tóca ! Justamente o velho boi dianteiro chegava ao ponto férvido do rio.

Um estremeção sacudiu-o. Rapido, deu volta como para tornar á margem. Os olhos, immensamente abertos, reflectiam o pavor que o desvairava, sacudia afflictamente a cabeça, com a boca arreganhada, a lingua flacida pendente, batendo com a cauda em flagello, logo atesando-a a prumo ou rebolcando-a em colleios serpentinos, a mugir cavo, engrolando a voz angustiosa e rouca nos golfões dagua que lhe entravam pela boca.

E poz-se a voltear rodando em torvelinho, sumiu-se em mergulho, reapareceu adiante, ainda mugiu debatendo-se, com um olhar de profunda tristeza alongado saudosamente para a terra.



A boiada descia aos magotes e um dos vaqueiros, pratico naquellas scenas de braveza, disse contente :

— As piranhas pegaram.

— Depressa ! Aproveita, gente ! ordenou açodado o vaqueano.

Dois guieiros avançaram e toda a boiada despejou-se atropeladamente e, com atroada de berros e entrechoques de chifres, lançou-se de timbuia nagua, atravessando o rio em bolo como balsa enorme.

Os que primeiro chegaram á margem opposta, desanegando-se do lameiro e das hervagens floridas, foram logo mordendo as canaranas, outros galgavam as ribas forradas de verdura tenra e todo o gado, em pouco, espalhado na campina, assenhoreou-se do pasto.

E rio abaixo, lá ia o fervedouro sanguinolento denunciando o martyrio do animal, lançado, como tributo da boiada, aos cardumes vorazes das piranhas.

Os vaqueiros olhavam as aguas tra-

gicas onde os peixes borborinhavam e um tangerino moço, condoído do velho boi, suspirou :

— Coitado !

O vaqueano, que se sentara em uma pedra, picando fumo na palma da mão, voltou-se e, encarado no mancebo, disse com sorriso estranho :

— Pena, hein ?

— Então ?

O vaqueano poz-se a apolegar o fumo. Por fim, levantando a cabeça, falou ao jovem :

— E você pensa que isto é só aqui com o boi ? Pois sim ! . . . Bem se vê que você é novo no mundo. Na vida, rapaz, é preciso que um soffra e morra para abrir caminho aos outros. A vida é como esse rio que você está vendo, cheio de piranhas. Aqui quem paga é o boi. A gente escolhe um, atira nagua e, emquanto os peixes dão cabo d'elle, a boiada vai passando, e passa. Isso é que se chama lambugem, sabe ? É da vida. Aqui é um

boi, porque são os bois que têm de passar. E quando são homens ? ! . . . A gente tem pena, mas que se ha de fazer ? É assim. E concluiu : Nosso Senhor não morreu por nós ?

— É assim mesmo, confirmou um velho vaqueiro que desencilhava o cavallo.

E a boiada solta, em liberdade na campina verde, pastava alegremente ao sol.

## A ultima corda

---

Terpandro ainda não apparecera e os cytharedos dispunham apenas de quatro cordas e essas, uma a uma, com o tempo, haviam estalado na lyra do rhapsodo que triumphara em todos os cantos, desde os de embalo com que, por enternecido, que era, acalentava os pequeninos, até os heroicos, vibrando em hexametros, nos quaes celebrava as guerras longas em que intervinham deuses.

Quantas bôdas precedera elle coroa-

do de rosas, entoando epithalamios !  
Quantas vezes, chamado a templos, de  
pé diante de altares sangrentos ou flori-  
dos, glorificara os immortaes !

Conduzido em captiveiro em uma  
hemiolia de piratas, que salteavam as  
ilhas, desde as do Egeu até as do Thy-  
reno, turvando-se repentinamente o céu,  
empollando-se em escarceus o mar, pô-lo  
o piloto á prôa para que abrandasse o  
furor de Eólo e dos tritões e logo, ao som  
da lyra, fez-se bonança o mar, reappa-  
receu o sol e amansaram-se as vagas es-  
pumasas.

Um dia, porém, em meio de um  
cantico vernal, estalou-lhe entre os dedos  
ageis a primeira corda. Não a deixou  
elle desprezada no caminho : guardou-  
lhe os fragmentos e, com as tres que  
restaram, proseguiu nos cantos em que  
era eximio.

Outra, porém, estalou ; mais tarde  
outra, a ultima, por fim ; e o rhapsodo,  
sempre solicitado para cantar, viu-se na



situação de um hoplita que, despojado das armas durante o somno, despertasse assediado por inimigos.

Como viver entre os homens sem o instrumento que lhe dava prestígio, abrindo-lhe passagem á presença dos reis e até junto dos deuses nos edículos dos templos ? Seria, desde então, olhado como mendigo dos que se assentam, humildes, junto aos marcos dos caminhos.

Certa manhã, parado á beira de uma cisterna, recordava melancolicamente as glórias do passado, quando avistou um grupo de donzellas, dentre as quaes uma, que a todas vencia em belleza e graça, logo o reconheceu.

Lembrou-lhe Nausicaa, a linda princeza pheacia.

Cercaram-no as moças em garrula alegria e a mais bella, sorrindo, disse-lhe :

— Bem vieste, rhapsodo. Falavamos de amor e tu, só tu no-lo pódes definir. Se o fizeres de modo que o sintamos,

terás por premio o que a principes sempre recusei. Inspira-te nos meus olhos, verdes como os de Aphrodite e nos meus cabellos, dourados como os de Perséphone.

Encarou-a o rhapsodo e, notando-lhe a belleza, o coração combalido bateu-lhe forte como enfermo que, depois de longa reclusão, se levantasse do leito e se achasse, em pleno sol, num prado em flôr.

Como responder a intimação tão dôce? Que dizer em resposta senão a verdade humilhante? Então mostrou a lyra inutil, explicando em palavras commovidas :

— Eis o que resta de toda a gloria antiga : uma lyra sem cordas. Rebentaram uma a uma, guardei, porém, todos os pedaços, e tenho-os commigo. Se eu pudesse emendá-los talvez conseguisse, senão tirar sons como os de outr'ora, ao menos recordá-los.

Sentou-se em uma pedra do caminho, mas com os pedaços que ajuntava, por mais que os aproveitasse, conseguiu ape-

nas uma corda. Distendeu-a na lyra, experimentou-a e ia tangê-la em musica, quando a donzella o interpellou, ironica :

— Que esperas tu, rhapsodo, de uma corda unica e emendada ?

— O que ella me dér, respondeu. São pedaços das quatro que estalaram. Quem sabe se não soarão ainda ?

Elevando, então, os olhos ao céu, improvisou inspirado.

Que doçura de arpejos. Quanta melancollia nos sons !

Pasmaram as donzellas do prodigio e o proprio rhapsodo, tanto se enlevou na musica que tirava da corda unica que, deslembado do premio promettido, só attendia ás vibrações suaves. De repente, exaltando-se como no ardor antigo, disse em voz triumphante :

— É o passado que volta ! É a vida que resurge ! Louvados sejam os deuses ! Não tivesse eu guardado os pedaços das velhas cordas e nunca mais poderia tirar sons da lyra.

E as lagrimas, rebentando-lhe dos olhos fundos, rolavam-lhe a quatro e quatro pelas alvas barbas longas. E com lagrimas em sorriso, cantou :

« Os dias morrem, os annos passam, são cordas que rebentam uma por uma, mas para que de todo se não percam, basta que lhes conservemos as lembranças e, na velhice triste, as evoque-mos, emendando pedacinho a pedacinho e formando, assim, uma corda unica que seja o resumo de todas. Igual á que appuz á lyra, na qual, ainda que mais brandos, repassam todos os sons das outras, tem o coração uma corda, feita de pedacinhos emendados. É igual em tudo á que refiz para a lyra e chama-se Saudade. Mas para cantar o amor só uma corda nova.

Disse e, enlevado na musica que tirava, foi-se, caminho fóra, cantando, recordando os dias que vivera, os triumphos que alcançara como se remontasse, feliz, a correnteza da vida.

## O mais pobre

---

A estrada ardia. Nos mattos estalavam crepitações como de lenha verde ao fogo. O ziar dos insectos fazia vibrar o silencio e a respiração da terra calida cheirava adustamente a rescaldo.

Cabecinha núa, como uma brasa ao sol, porque fizera do chapéu corbelha para as amoras que apanhara nas sébes, lá ia a pequenito.

Caminhava contente, pensando na alegria que ia dar á mãe com aquelles



frutos que levava, quando o chamaram da sombra dumas arvores.

Voltou-se em sobresalto e viu um velho e o filho do senhor das minas de ouro.

Com medo que descobrissem o furto que levava retrahiu-se, quasi chorando. Mas o velho chamou-o :

— Anda cá. Não tenhas medo.

Adiantando-se encolhidamente, viu dois cavallos ajaezados a primor, que dormitavam á sombra. E o menino acolheu-o com bondade.

— De onde vens por este sol ?

— Do collegio.

— Que levas ahi no chapeu ?

— Amoras.

— Amoras ! . . . Que é isso ?

— Frutos do matto.

— Deixa-me vêr.

Provou uma, duas, tres, muitas ! espantado de que nunca lhe houvessem servido á mesa frutos tão saborosos.

— Isto é só para os pobres e para os

passarinhos, disse o pequenito. São as esmolas de Nosso Senhor.

Rindo-se, já amigos, foram-se em direcção ao correjo e o velho deitou-se na relva, adormecendo á sombra duma mangueira.

Sentados na mesma pedra, á beira d'agua, disse o menino ao pequenito :

— Que lindos cabellos tens ! Parecem de ouro.

— Se meus cabellos fôsem de ouro, minha mãe, que é tão boa, não trabalharia tanto.

— Tens mãe ! exclamou o menino maravilhado.

O pequenito córou como a uma affronta :

— Se tenho mãe !... Como não ? ! Ella é que me penteia os cabellos ; ella é que me conta historias ; ella é que me cura, quando adoço ; ella é que me concerta a roupa e me adormece ao collo, cantando, quando, nas noites escuras, tremo de medo ouvindo piar a coruja.

Tenho mãe, como não ? Também não sou tão pobre assim.

— Pois eu não tenho ! suspirou o menino. Minha mãe morreu quando nasci. Estas terras, com tudo que nellas ha, são de meu pai, que só me tem a mim. No palacio em que móro já se hospedou um principe com toda a sua côrte. O salão em que durmo é todo forrado de sêda, com lustres de ouro e tapetes onde os pés se afogam. São tantos os meus criados que, a muitos, tenho por estranhos e pasmo quando me pedem ordens.

— E quem lhe conta historias ?

— Historias ? Leio-as nos livros.

— Quem o veste e penteia ?

— A velha aia.

— Quem o acalenta, á noite, quando a coruja chirria e o vento geme nas arvores ?

— Rezo á Nossa Senhora.

— Quando adoece, quem o curá ?

— Os medicos.

— E quando a tristeza entra em seu coração, quem o consola ?

— Choro.

Levantou-se, então, o pequenito e, tomando nas suas as mãos do menino millionario, encarou-o compadecido, com os lindos olhos arrasados d'agua.

— Por que choras ? Que tens ? perguntou o menino commovido.

— Choro de pena, porque nunca pensei que houvesse no mundo outro mais pobre do que eu.





## Castalia

---

— Porque hei de ser o unico que regressasse do monte tão rude como a elle subiu ? Vim com o desejo de traduzir em cantos os mysterios da vida e bebi, sofrego, desta agua. Sou, entretanto, o mesmo que era dantes. Quando aqui cheguei abriam-se as flores na primavera. O estio dourou as arvores, o outono carregou-as de frutos, o inverno despiu-as das folhas, outra primavera refloriu-as ; e aqui estou como vim.\* Outros subiram

nas minhas pègádas e, só com um gole d'agua que beberam, desatou-se-lhes a voz em lyricas e desceram cantando. Eu entristeço, calado, á beira da fonte sonóra. E porque, sacerdote ?

O hierofanta respondeu ao peregrino melancolico :

— Tens ali um rochedo que o orvalho mólha e as chuvas lavam ; em torno tudo é viço ; elle é esterilidade eterna : vige alguma o enfeita, porque é pedra. Põe-lhe em umas das fendas um pouco de terra e que a humedeça um lentejo de rócio e logo rebentará o novedio.

A agua na rocha passa sem deixar beneficio, como o conselho do sabio pelos ouvidos do indifferente. Ama, e a agua fará o milagre. Por uma urna sem fundo pode escoar todo um rio, perdendo-se desaproveitado, e duas mãos em concha sob um lacrimal bastam para recolher o que sacie a sêde mais avida. Ama e cantarás.

— Então é necessario que eu procure o amor ?

— Que o procures, não. O amor é um destino, como a morte : não se procura, espera-se.



## Entre pescadores

---

— No dia em que esse nazareno, ao qual se attribuem tantos milagres, destacar de si a propria sombra e mandá-la em missão, como o senhor despacha um servo a recado, eu acreditarei no seu poder, maior, ao que dizem, do que o de Simão, o mago. Emquanto, porém, elle não dér tal prova não será com palavras que me convencerão a abjurar a crença que herdei de meus pais. Bôa ou má, verdadeira ou falsa, com ella me tenho

achado sempre nas horas tristes que são, verdadeiramente, as que marcam o tempo da nossa existencia.

Assim falava, sentado á borda do barco que Pedro puzera em secco, em um dos reconcavos da praia de Tiberiade, um dos pescadores do lago, Jahel de nome.

Homem sombrio, desconversavel, aspero como os cardos que nascem nos areaes, andava sempre sorumbatico, remoendo tédio, a queixar-se de tudo, não porque a vida lhe fôsse de todo ingrata (a quantos, e que se não lastimavam e com tanto amargor, fazia ella mais infelizes com miseria, aggravos ou doenças) senão porque lhe parecia sempre mais venturosa que a sua a sorte alheia.

O sol, dizia elle, irritado, batia mais em cheio e prolongadamente na estrada do que na sua horta ; as chuvas, quando cahiam, abrandavam-se em rega no pomar contiguo e no seu era como se nuvens sobre elle rebentassem levando-



lhe na enxurrada todas as plantas tenras e despojando-lhe as arvores dos frutos que amadureciam. O vento, quando soprava, mal balançava os ramos do horto visinho e no seu era certa a devastação.

Se ia á pesca, ainda que tornasse com o barco abarrotado, sempre havia de resmungar, achando pouco e de má qualidade o que lhe viera na rede. Um cão a ladrar á noite punha-o de mau humor contra a vigilancia fiel. Não fôsse ella e os ladrões fariam feira folgada na herdade do visinho.

Se encontrava um pobre na estrada envesgava os olhos cupidos para o boral de esmolas que lhe pendia ás costas e, se o sentia cheio, raivava rangendo os dentes. Até de enfermos, cujo soffrimento commiserava os corações mais frios, invejava as dôres por lhes servirem ellas de razão para pedirem e conservarem-se preguiçosamente estendidos em estrames, sem a fadiga dos trabalhos em terra, sem o risco dos temporaes nas aguas.

Iam-se-lhe os olhos no vôo das aves que tão ligeiras venciam as maiores distancias, sem se ferirem em pedras e urze dos caminhos. E as arvores ? porque não havia elle de ser como as via — presas á terra, sem necessidade de andarem a buscar alimento, porque o tiravam do proprio chão, nem de recorrer a agasalhos, porque os tinham nas proprias folhas ?

Quando começaram a correr noticias dos milagres de Jesus, ainda que elle tivesse conhecimento de alguns, pelo testemunho dos que os haviam presenciado ou por aquelles mesmos nos quaes se haviam elles operado, mais se lhe accendeu o odio ao Messias, a quem chamava, com intenção de injuria, « o filho do carpinteiro », dizendo-o inimigo da raça, porque a açulava, em conspiração, contra Roma, para que Cesar, a pretexto de abafar revoltas, mandasse contra ella os seus legionarios ferozes ; dizendo-o inimigo do Templo e provava citando a

ameaça de destruição que elle lançara contra a Casa da Arca e as palavras de amor com que procurava abrandar os corações e as promessas que fazia aos que o ouvissem e praticassem a doutrina que prégava ; dizendo-o inimigo dos ricos porque, não só lhes tirava os servos do trabalho, como os insubordinava com parabolás ; dizendo-o inimigo do pobre, perturbador do lar, porque distrahia as mulheres dos deveres domesticos arrastando-as comsigo seduzidas por sua palavra.

Nessa manhan, que rompera alegre e luminosa, depois da tempestade que Jesus serenara, caminhando sobre as aguas do lago, como se o fizesse em terra firme, não podendo negar o que todos os pescadores e mais praianos commentavam maravilhados, rompeu com o dito acido de inveja :

« No dia em que esse nazareno, ao qual se attribuem tantos milagres, destacar de si a propria sombra e mandá-la

em missão, como o senhor despacha um servo a recado, eu acreditarei no seu poder . . . » E proseguiu remordido com o silencio em que se mantinha Pedro :

« Que poder tem esse homem, mais do que os outros, para fazer milagres ? Se é enviado de Deus para redimir Israel por que não expulsa o romano de Jerusalem ? Se o não é, Roma, tão severa com outros menos culpados, que o puna como rebelde. Os pobres continuam humilhados, soffrendo fome, tiritando de frio e nas arcas dos poderosos cada outono que passa accrescenta mais ouro. Por que não iguala elle a fortuna e dá a um campo fertilidade e a outro esquece em maninho ; multiplica os rebanhos dos ricos e deixa morrer de peste a cabra unica do pobre ; abre em chagas o corpo de um mendigo e dá saude e belleza a quem vive em contubernio infame, polluindo com as sandalias de ouro a poeira dos caminhos ? Por que ? Não sou eu um homem como os mais ? Que faz elle por

mim ? Fala, não cessa de falar em justiça e equidade e se é Deus, por que não põe por obra o que tanto apregôa em palavras ? Bondade . . . E que é a Bondade ? O homem não pôde ser bom para os outros antes de o ser para si. Se o archote illumina o bando em marcha, ha de primeiro illuminar o portador que o empunha.

— Eis ahi, disse Pedro que, até então, se conservara calado, o archote illumina o bando em marcha, para isso, porém, é necessario que vá alto e, quanto mais o portador o eleve, mais se estenderá a luz para os que o seguem, afim de que vejam o caminho claro e nelle o que deviam evitar. O portador, esse desaparece na sombra e quanto mais levanta o facho illuminador mais se occulta, porque pouco lhe importa ser visto, o que elle quer é que sigam pela claridade que elle vai projectando. E como, para illuminar toda a Humanidade, era necessario que a Luz viesse de muito alto, foi do céu que

ella desceu e por ahi anda a beneficiar a vida levada pelo Consolador. Quanto á Bondade, Jahel, tu não pódes saber nem eu te posso explicar o que ella é. Como dar idéa da luz a um cego e da melodia a um surdo de nascença ? Emquanto não varreres do teu coração a inveja, nelle não poderá entrar a Bondade. Se, porém, fizeres o que digo logo se realisará o milagre de comprehenderes Jesus.



## A caixa de Pandora

---

.....  
— Se o tempo é a flor da Eternidade como quereis que matem as Horas, que são as petalas de tal flor ? perguntaram a Zeus Phebo e Artemis, os dois irmãos, conductores da Luz.

— Fazei como vos ordeno, disse o olympico, que assim se ha de cumprir.

— E como havemos de matar as Horas ?

— Nesta caixa, que foi de Pandóra, ha dois arcos com as suas frechas : um

de ouro, que será teu, Phebo, conductor do sol; outro de prata, que te destino, Artemis, pastora da lua. Por sessenta feridas, quantas haveis de fazer em cada Hora, estillarão os minutos, em cada um dos quaes haverá tanta vida latente como ha oceano em toda a gota marinha. Com os arcos appostos ponta á ponta formareis um circulo com que cingireis a Vida e dentro d'elle a Alma ansiosa do Homem fará esforços para libertar-se, como o leão prisioneiro girovaga na fóssea quando fareja no ar o aroma das silvas ou o cheiro morno dos areaes.

— E as horas mortas?

— Resuscitarão como as sementes que expluem na terra e viçam a flux, verdejando. A arvore despede-se dás folhas seccas e solta de si os frutos murchos e, folhas e frutos, cahindo-lhe nas raizes, tornam por ellas em seiva resurgindo nos ramos. Assim o Tempo deve substituir as Horas, trocando-as por outras identicas, mas não iguaes, para que nellas haja sem-

pre mysterio : cuidados na maior ventura e na maior miseria e agonia brilho de esperança, que é como o verde das folhas novas.

E enquanto o sol realizar o seu curso iterativo do nascente ao occaso e as frechas fizeram o seu officio de morte, haverá dia e haverá noite.

E a Vida proseguirá no rythmo invariavel que regula o passo do Tempo no infinito, monotono como o bater da vaga no rochedo ou como o pulsar do coração no peito.

— Mas, exclamou o philosopho, que ouvia o poeta, á sombra de um muro em ruinas, coberto de hervas floridas, o que me descreveis, como o faria um rhapsódo dos dias de ouro, outra coisa não é senão o relógio.

— Ou, com melhor e mais proprio nome: a caixa de Pandóra, com os dois arcos appostos fechando o circulo do Tempo, com as duas frechas mortaes ferindo as Horas.

— E espalhando ventura e desventura, mas conservando no fundo, occulta como a machina do relógio, a propulsora perenne da Vida : a Esperança.

— A Esperança, dizeis tudo : o amanha, o todo sempre, a eternidade, a illusão.

## Na montanha da neve

---

— O talisman que vedes, disse o bufarinho arabe, — e tenho apenas quatro, tantas quantas aqui sois — póde servir a dois fins, visto possuir duas virtudes : uma que lhe deram os genios ; outra que lhe deram as pérís. Usado ao pescoço ou no punho, como collar ou pulseira dará, a quem o possuir, saude inalteravel, todos os bens da fortuna e intelligencia clara.

— E a outra virtude ? perguntou uma das mulheres.

— Ah ! a outra virtude, suspirou o bufarinheiro, brincando com o talisman entre os dedos ; a outra virtude é a mocidade, com a sua flor : a belleza. Mas para que realise o prodigio, exigem as pérís sacrificio tamanho que, até hoje, não houve quem o tentasse.

— E qual é elle ? perguntaram ansiosamente, a um tempo, as quatro mulheres.

— É o de passar sete dias e sete noites ajoelhada na montanha de neve, com o talisman nas mãos, como em uma concha, offerecendo-o aos espiritos da natureza que erram, invisiveis, no ar. Aquella que resistisse a tão dura prova desceria da montanha com a belleza das pérís e, ainda que vivesse mil annos, seria sempre moça e bella, como são eternas e luminosas as estrellas do céu.

As mulheres sorriram e Zuleida, tirando da bolsa um punhado de moedas de ouro, disse estendendo a mão ao arabe :



— Dá-me um talisman.

O mesmo fizeram as outras tres mulheres. E o arabe, sorrindo maliciosamente dentro da barba densa e negra, prophetizou :

— Não serão mais robustos do que vós os cavalleiros do Yemen, tereis mais ouro do que todos os califas e os cantos que improvisardes serão mais bellos do que os dos poetas que se reúnem no valle de Okadd, onde ainda resoam os hymnos do propheta.

Disse e, reunindo a caravana, foi-se.

Dias depois, um caçador de antilopes, que atravessara a gelida montanha, contou que encontrara quatro mulheres ajoelhadas sobre a neve e cobertas de neve, mortas, com as mãos levantadas para o céu, em offertório, hirtas como estatuas, lividas, d'olhos muito abertos e maravilhadas e um sorriso que parecia se lhes haver gelado no rosto.



## O sapato de Natal

---

— Tão tarde ! E o pequeno sem apparecer.

A mãe, receiosa de que lhe houvesse acontecido alguma coisa, não se arredava da rotula, olhando fundamente a rua deserta e molhada, onde as luzes reflectiam-se, alastrando-a como de palmas de ouro.

Raro em raro, um transeunte, encolhido sob o guarda-chuva, passava apressado. Que teria acontecido ! ?

Mas um vulto de criança surgiu na esquina, atravessou, a correr, um raio de luz e ella, mais com o coração do que com os olhos, reconheceu nelle o filho.

Ainda vinha longe, e já a porta se lhe abria.

Entrou esbaforido e, antes de qualquer explicação, disse arquejante :

— Olha o que achei na praia.

Que havia de ser ? Nem mais, nem menos que um frangalho de sapato sem sola, com um resto de salto recomido das pedras.

— Para que trazes isto ?

— Pois não sabes que, na noite de Natal, quando todos dormem, anjos descem do céu com presentes para as crianças ? A gente põe um sapato perto do fogão, porque os anjos entram nas casas pela chaminé e, de manhan, quando acorda, vai encontrá-lo cheio de presentes ? Como eu não tinha sapato sahi por ahi á procura de um e achei este. Está velho, mas é grande ! Se os an-

jos o enchessem de dinheiro . . . nem sei !

A mulher, com os olhos marejados, sorriu da ingenuidade do pequeno e, atrahindo-o ao collo em impulso de piedoso amor, beijou-o perguntando :

— Comeste alguma coisa ?

— Não.

— Estás com fome ?

— Estou, mas prefiro dormir. A gente, dormindo, vôa nas horas.

— Pois sim. Mas antes vai mudar a roupa, porque estás encharcado.

— Primeiro vou deixar o sapato na cozinha.

Mal o pequeno adormeceu foi a mulher a uma arca, tirou umas costuras e poz-se a coser em silencio.

Cantaram os gallos, ao longe soaram docemente os sinos, cresceram na rua os rumores da manhan e o sol nasceu dourado.

Ao abrir a janella um golpe de ar fê-

la tossir e o pequeno acordou. Vendo o lampião acceso, julgou que ainda era noite e perguntou á mãe :

— Por que não te deitas ? Os anjos, sentindo gente acordada, não entram nas casas para não ser vistos. E elles já devem andar voando perto. Vem dormir.

— Dormir ! . . . E abriu a janella.

— O sol ! exclamou o pequeno. E não te deitaste ! ?

— Se me houvesse deitado quem faria a roupa que has de hoje vestir ?

— Então . . . choramingou o pequeno e, saltando da cama, correu á cozinha.

O sapato lá estava, vazio como elle o deixára.

— Vês ? disse com as lagrimas a quatro e quatro : ficaste acordada e os anjos passaram e foram-se. Elles só entram nas casas quando todos dormem. Se te houveses deitado estaríamos ricos, porque elles teriam enchido o sapato de ouro . . . e assim . . .

A mulher esteve um momento a olhar



a criança, contendo as lagrimas que lhe subiam do coração. Por fim, tremulamente, disse como um segredo triste :

— Como te illudes, meu filho, o mesmo seria se eu houvesse dormido.

— Porque ?

— Porque . . . os anjos não deixam presentes em sapatos rotos.



## Na tenda do oleiro

---

« Não fareis para vós nem deuses de prata, nem deuses de ouro. » Esta é a sentença que me queres recordar, porque me vês neste commercio de idolos.

Não os amóldo para mim, senão para os que têm fé. Faço-os e vendo-os como Schemaia amassa e vende os seus bolos de farinha e mel ; mas creio tanto nelles como nas palavras airadas das mulheres.

Já me viste no templo ou queimando arómatas diante de algum altar ? Reli-

giões são horizontes e os deuses valem tanto como as miragens que se afiguram nas nuvens : coisas da terra espelhadas no céu. Eu, que vivo entre deuses, nunca testemunhei um milagre.

— Mas propagando a idolatria, ainda que a não pratiques, incorres em peccado porque, conhecendo o mal, fazes revéis com elle.

— Ebal, que anda, por valle e monte, catando hervas e raizes, não tem mãos a medir na sua tenda. Os seus venenos dão allivio e restituem a saúde, como os meus idolos confortam e fazem voltar a esperança . . . menos á minha filha, ai ! della, que nasceu e vive entre deuses e não deixa o leito, entrevada e gemendo. Como poderia eu acreditar em idolos se os plasmo com as minhas mãos, tirando-os da terra onde mais uteis seriam fazendo o milagre de transformarem a semente em flor e em fruto?

— Idolos são como pedras milliarios no caminho da crença.

— Dizes bem : marcos de pedra, barro, metal, coisas vans. Um dia, vinha eu de Joppé, quando ouvi dizer que entrara em Jerusalem o Anunciado. A cidade recendia e todo o povo cantava brandindo festões e palmas. Certo de que, mais cedo ou mais tarde, haviam de procurar a imagem do novo Deus e ainda com a intenção de pedir-lhe o milagre da cura da minha filha, fui-me no seu encalço. Disseram-me que subira á Bethania. Dirigi-me á collina e, guiando-me pelos que o buscavam, cheguei á casa de Lazaro.

Effectivamente elle lá estava, entre as irmans do ancião.

— E falaste-lhe ?

— Não. Nem passei do limiar da casa, de onde o observei. A esperança, que rebentára em meu coração, murchou instantaneamente como um ramo verde ao fogo. O Anunciado era um homem como eu, como tu. Alto, airoso, moreno, cabellos longos, olhos negros, mas doces, duma doçura triste. Esse era o que ali

estava : o Deus dos prophetas, filho da terra lacrimosa, que morreu e soffreu como homem, ás mãos dos homens.

— Mas resuscitou, Joas.

— No canto heroico de Maria, que o amou além da morte. São as mulheres, Yozabad, que fazem com o amor as religiões e as guerras. Nós, homens, com toda a arte de que nos vangloriamos, não produzimos mais do que miragens ephemeras ; ellas, com o amor sublime, realisam prodigios enchendo o céu de deuses e a historia de heroes.



## O Ribeirão e o Mar

---

De negra rocha, á sombra de arvoredos espessos, no mais profundo da brenha, onde se não infiltra o sol, lenteja, gota a gota, a lymphá crystallina. Ajunta-se num concavo, cujo fundo de arêa alveja e os finos hervações que o cercam miram-se no espelho d'água, de quando em quando aflorada em friso ao deslize subtil da aza de uma libellula.

Do concavo transborda em fio escasso, escôa esquivo, blandiflúo : aqui,

fúlguro; além, bruno, sumindo-se, de repente, entre as grammineas flexiveis para surgir adiante, mais cheio. Deriva em silencio absorvendo, no transito fluente, as pequeninas aguas que se lhe deparam : aqui, um arroio ; além, outro.

D'alto rochedo a pique escorre, em suor, um manto d'agua enfeitado de rendas espumosas ; toma-o e leva-o.

E o que nascera debil, sem voz, alarga-se, murmúra, ondula e, acachando em pedras, que se lhe antolham á marcha, marulha aos borbulhões.

Um veio novo corre attrahido ao seu encontro ; outro rompe célere dos mattos, colubreando, e investe como serpente á presa e nelle engolfa-se. É já um correjo carreando folhas, levando, de bubuia, ramos e camalótes. E vai indo.

E tantas novas aguas se lhe rendem que, ao sahir da floresta, o que era, na origem, um rosario de gotas, acachoeira-se estrepitoso, espuma férvido e, recebendo, pela primeira vez, o sol em

cheio, corôa-se de uma irisada aureola de neblina.

E nelle arfam canôas, acardumam-se peixes e as aguas, antes rasas e socegadas, agora não consentem vau e estrugem. É o ribeirão.

\* \* \*

No inverno, com as copiosas chuvas que engrossam os seus tributarios, impa orgulhoso e turvo e as terras que lhe ficam ás margens soffrem-lhe as aggressões.

Espraíam-se as aguas salteadoras, a principio em rastejo, mudas. Á noite, avolumam-se e roncam soturnamente. Ouvem-nas os moradores ribeirinhos. Sa-hem ao limiar com luzes e a claridade estira-se em rebrilho tremulo pela immensa e liquida planura.

Foge a misera gente, o gado arranca espavorido e aberra-se e o que eram póvoas e lavouras, tudo alagôa-se e vêm-se

fluctuando, quasi anegados, tectos palhiços e copas de arvores. E as aguas remugem, rolam assoberbadas aluindo casebres e caiçaras, esbarrondando barrancas, galgando cimos.

O vento sopra bonança, atropelam-se, em debandada, as nuvens plumbeas, cessa o aguaceiro e o azul alisa-se. Brilha o sol. Logo começam a recuar as aguas, serenam, baixam, remetendo-se ao nível natural.

Insiste o sol em brasa. Os alagados seccam, as abafeiras fumam. Já apparecem pedras e corôas emplastadas de hervas.

Regressam dos seus refugios altos os foragidos : o gado reapparece timido, patinhando na lama. Crianças brincam chapejando nas poças que vão ficando abandonadas pelo rio. E as arvores escamam o cortiçame do lôdo que se lhes apegou aos troncos.

O sol requeima, suga avidamente as aguas e a inundaçào limita-se ás barran-

cas do rio que, pouco a pouco, mingúa em correço, reduzindo-se, por fim, a um filete que se arrasta, como lesma, no fundo do leito retalhado. E é tudo que resta da arrogancia avassaladora.

Que é feito das aguas atrevidas ? eram de emprestimo e foram-se. Petulancia de presumpçoso.

Vêde, em contraste, o mar, sempre, invariavelmente o mesmo e nelle, emtanto, estão entrando, de continuo, todos os rios da terra e as aguas todas das nuvens, e é sempre o mesmo na magestosa serenidade.

Nasceu grande, e justamente por ser forte, é generoso e magnanimo, respeitando carinhosamente a fragilidade da terra, elle, que podia levar as vagas aos cimos mais assomados não vai além das fronteiras brancas dos seus areaes praianos. E é o mar !

Os ribeirões, esses, que só valem pelo que furtam, mal se sentem com aguas, levantam-se em orgulho e devastam. Mal,

porém, lhes dá em cima o sol, recuam e o rastro que deixam é lama.

Infelizmente o mar é um só e os ribeirões são muitos.



## A cega que viu

---

Com os pés em sangue, curvado a nodoso bordão, passo a passo, afadigadamente, vingava o peregrino a encosta asperrima. O sol scintillava em piscas no pedregulho da trilha. Gafanhotos crepitavam no tojo secco e o chiar das cigarras refervia. O céu, calidamente azul, reverberava. Longe, na arenosa planície, manchada de moutas, o ar tremelejava em vibrações translucidas.

Já lhe custava, ao andejo, resistir á

soalheira. Arquejava resequido, porque, desde que se puzera a caminho, ao romper d'alva, só com um fruto verde, colhido entre espinhos, refrescara acidamente os labios.

Dobrava-se a mais e mais, exausto, quando, ao beirar um algar, ouviu so-torno rumorejo como de aguas acachoadas. Deteve-se, de golpe, á escuta e, certo de que se não enganara com o som, que mais lhe aggravou a sêde, estirou-se de borco á borda do abysmo.

Um ar fresco e róscido subia da profundeza annunciando agua. Então debruçou-se e viu o espelho de um córrego que rolava curveteando em meandros por entre pedras.

Habituando o olhar á sombra descobriu um vulto de homem de pé em uma das pedras. Bradou da altura e a voz encheu-se-lhe em rebôo atroando o grótão.

O homem, que parecia um pastor, dos que vivem ermados nos montes,

levantou a cabeça. E o peregrino implorou agasalho e um pouco d'aquella agua tão clara que lhe estancaria a sêde e o alliviaria do soffrimento dos pés em sangue.

— Descei pelas rebarbas da rocha, segurando-vos á urze e ao tojo.

Assim fez o peregrino chegando abaixo, a um lagedo liso, que era como a plataforma duma funda caverna, diante da qual corria um correjo atropelado, espumoso, borbotoando em cachões.

Tanta era a sêde do peregrino que, mal pisou a lage, logo se prostrou a fio comprido, peito ao chão, pondo-se a beber a sorvos sofregos. Saciado sentou-se mergulhando os pés na correnteza, deliciando-se com o frescor. Só, então, attentou no hospede que o acolhera com tanta simplicidade.

Era um colosso côr de bronze, tanado do sol. Longos cabellos rolavam-lhe pelos hombros misturando-se-lhe no peito largo com a barba densa e negra. Em volta da

cinta uma pelle de cabra ; á ilharga, um facalhão recurvo.

Disse-lhe o peregrino da missão em que andava, que era a de espalhar a suave doutrina deixada na terra pelo que descera do céu para remediar as dôres da Vida e constituir, com os homens que se guerreavam, uma Humanidade ligada pelo Amor.

Assim falava ao gigante quando interveiu uma dôce voz partida da caverna, voz de alguém que o ouvira dizer da bondade de Jesus e da consolação que deixara no mundo.

— Melhor seria que esse Enviado do Céu se manifestasse em obras.

— Quem assim põe em voz tão suave palavras de tanta rebeldia ?

— É a minha esposa, céga. Pobre, como sou, escolhi-a assim entre muitas porque, não vendo as tentações do mundo, se resignaria com o pouco que lhe posso dar. E aqui jaz neste subterraneo contente de si e satisfeita com o que lhe

trago : leite das cabras montesas, mel em favos, frutos agrestes, de quando em quando uma selvagina. Razão tem ella para bradar assim contra o Enviado, cuja doutrina vós outros andais prégando aos homens, porque, sendo mãe, não vê o filho aos peitos, imaginando que o alimenta com o proprio sangue. Se Deus é a Bondade que annunciais, bem podia Elle, como accende o dia na escuridão, dar claridade aos olhos da pobresinha. Com actos taes Elle fará mais pelos homens e pela propria gloria do que com palavras, que são tanto como a poeira que o vento levanta.

— Ainda que fôsse apenas para vê-lo, insistiu a cega ; o tempo só de um olhar, para prendê-lo e conservar-lhe a imagem dentro do coração. Ainda que fôsse um olhar apenas, rapido como um suspiro, e eu louvaria o Senhor em canticos até o fim da minha vida.

Ouvindo a misera, o peregrino concentrou-se e, em fervorosa prece, pediu

um milagre de amor. E o céu inspirou-o fazendo-o dizer :

-- Filha, tirarás o que pedes do somno da minha fadiga. Enquanto eu dormir, a vista dos meus olhos que, então, não me fará falta, passará para os teus, e verás. Não será tão curta, como pedes, a tua ventura, porque ha quatro dias e quatro noites que não sei o que é pregar olhos e, de certo, dormirei horas, talvez até a noite. Se aproveitares o tempo poderás, não só vêr teu filho, como o que ha de belleza no céu e na terra : o azul, o sol, as estrellas, as nuvens ; e os campos louros, os bosques verdes, a agua e o fogo, a flôr e o fruto, as aves e os animaes da terra e além, até onde chega a vista alongada, as cidades brancas, cingidas de muralhas. Logo que eu adormeça verás. E que Deus, com o milagre, faça nascer em teu coração a Fé, que é a escada que nos leva ao céu.

Disse e, estendendo o manto na lage, deitou-se adormecendo ao som d'agua. E



logo se alumiam os olhos da cega com a vista que se lhes passara dos olhos do peregrino.

Não ha como dizer a alegria do coração materno, o enlevo em que exultou a pobre mulher quando viu o filho que se lhe aconchegava ao collo.

Quantas horas teria dormido o peregrino ? Ao acordar, sentando-se ainda estremunhado, as suas primeiras palavras foram de agradecimento a Deus pelo conforto de tão repousado somno, posto que breve, porque não se fôra de todo o sol e as nuvens ainda resplandeciam douradas.

— Breve ! exclamou o colosso pasmado de ouvi-lo. Quando vos deitastes a dormir era estio pleno. Abrandaram-se os calores, segou-se o trigo, moeu-se o grão, espadellou-se o linho, espremeu-se a uva, esmagou-se a azeitona. Cahiram as folhas das arvores, accendeu-se o lume nos casaes e os rebanhos desceram dos montes. As estradas forraram-se de neve

e passaram dias longos e lugubres, noites pallidas e regeladas. E a primavera tornou renovando as folhagens, fundindo a neve em torrentes e despertando os ninhos. E o estio reaccendeu-se. E dizeis que foi breve o vosso somno. Se eu não sentisse bater o vosso coração ha muito estarieis enterrado, porque cheguei a acreditar que houvesseis morrido.

Alegrou-se o peregrino com o que ouvia percebendo em tudo o prestigio do céu. Lembrando-se, então, da cega, falou ao homem :

— Se tanto durou o meu somno, como dizeis, teve a vossa esposa tempo bastante para vêr e gosar as creações de Deus : o azul, o sol, as estrellas, as nuvens, os campos louros, os bosques verdes, a agua e o fogo, a flôr e o fruto, as aves e os animaes da terra e além, até onde chega a vista alongada, as cidades brancas cercadas de muralhas altas.

Nesse instante, abençoadamente, a voz suave soou no fundo da caverna tenebrosa:

— Louvado seja o Senhor que me concedeu a graça de vêr meu filho. Tenho-o agora em imagem dentro do coração, onde nunca se desvanecerá, como a arêa que se deposita no fundo do rio nelle fica á revelia da correnteza.

Estranhando o peregrino que ella não se referisse ás bellezas da criação, disse-lhe o homem :

— Como quereis que ella fale do que não viu ? Emquanto dormistes e ella teve luz nos olhos não os tirou do filho mirando-o, remirando-o insaciadamente. E se, de novo, dormissemos e, de novo, lhe emprestassemos a vista dos vossos olhos, o seu olhar tornaria á contemplação amorosa, porque o mais, tudo que ha no céu e na terra, para ella não vale um sorriso do pequenino.

— Abençoado seja o meu somno ! louvou, de mãos postas, o peregrino e a cega, num suspiro :

— Bemdito seja o Senhor !



## Poesia de pastor

---

Sabendo que o pastor, cuja fama crescia entre os homens, só cantava na solidão, calando-se, retrahido, mal presentia sombra humana, Laio e Evandro, philosophos, subiram, uma tarde, ao monte e esconderam-se no bosque, onde passaram a noite.

Ao alvorear, antes do sol, chegou o pastor.

Era jovem e robusto. Uma pelle de cabra, descendo-lhe dos hombros, dava-lhe volta aos rins e, para forrar-se á as-

pereza dos caminhos, trazia nos pés abarcas de cortiça. Pendia-lhe ao flanco uma concha de tartaruga, que era a sua lyra rustica.

Sentando-se na pedra da fonte, pôs o cajado, que rematava em espiculo de ferro e, enquanto os chibos e as cabras trepavam, em alvoroço, pelos alcançadores, tomou a concha sonóra, picou-lhe as cordas improvisando, enlevado, um cantico ao sol.

Ouvindo-o, entreolharam-se os dois sabios. E disse Evandro a Laio :

— Canta como os passaros. É uma voz da natureza.

— Levemo-lo connosco, propoz Laio. Instruido por nós tornar-se-á maior que Homero e mais suave que Pindaro, o pregoeiro das victorias.

— Talvez seja melhor deixarmo-lo onde está. O rouxinol não canta em aviario : quer o seu ramo livre. A poesia do pastor é como as aguas que brotam na floresta, que logo estancam se derrubam



as arvores que as cercam. Ouçamo-lo de onde estamos. No esplendor da cidade elle será ridiculo e com a instrucção que lhe dermos talvez perca o dom da poesia. Não o tiremos do agro, que é onde elle tem raizes.

Laio, porém, venceu com argumentos subtis e, sahindo da espessura, dirigiu-se ao pastor, seduzindo-o com taes engodos que o trouxe do monte.

Logo entraram os dois a iniciá-lo na Sciencia e tanto como avançavam na verdade ia o pastor perdendo as crenças e ficou todo em luz como um chão de floresta derrubada por lenhadores. E nunca mais se lhe ouviu um canto, nem jámais o encontraram em extase ao luar ou debruçado sobre as fontes limpidas, a escutar o cochicho das nymphas entre os lirios.

E disse Laio :

— Tornemos com elle ao monte. Que volte ao penedio e ás arvores e, talvez, recupere a inspiração de outr'ora.

— Como resuscitará a fonte se matamos a floresta ? Elle adorava ingenuamente a natureza atravez do mysterio e, onde quer que se manifestasse a vida, ahi punha elle um deus. A Sciencia illuminou-o e ahi o tens, como um homem a quem houvessem roubado a riqueza. Onde, em sua alma, havia illusões, puzemos nós certezas áridas, substituindo o luar, criador de fantasmagorias, pelo sol que tudo revela. Como queres que elle regresse aos montes para cantar os deuses, se não crê ; para adorar os astros, se lhes conhece a natureza ; para falar ás arvores, se as sabe inertes ; para exaltar o amor, se lhe mostramos o fundo do coração feminino ? Agora, que o devastamos, que fique na tristeza humana, sem o refugio da illusão.

— E que faremos d'elle ?

— Nada mais do que está feito : um homem, igual a todos os homens : campo raso de utilidade material, nunca, porém, nunca mais ! criador de poesia, que elle

já não a tem para si quanto mais para dar. Era um simples que vivia feliz na ignorancia ; hoje, encerrado no labyrintho da Sciencia, erra afflicto, sem rumo, nos corredores da duvida. Era poeta no ermo e é hoje um homem triste, sem crenças. A agua canta na fonte e cala-se no vaso.

E Laio suspirou :

— Peza-me nalma o remorso de haver matado um rouxinol. As illusões que lhe tiramos eram nativas e eternas como a floresta do Parnaso. As illusões que lhe impuzemos com a Sciencia são como as plantações dos seareiros que, todos os annos, dado o fruto, morrem e só revivam na terra depois de novas sementeiras.



## As tres irmans

---

No sopé da collina enfolhada de pampanos, com um fio d'agua a e maltá-la de scintillações, branca e colmada de jasmims de cheiro, a estalagem sorria afogada em verdura.

Nos laranjaes dançavam moços e raparigas e crianças, com arcos de flôres, faziam tal alarido que se ouvia longe.

Uma velhinha, sentada á sombra de enorme algodeiro, desabotoado em frocos, fiava ouvindo o que lhe dizia um velho encarquilhado, com os olhos fun-

dos refolhados em rugas e tão pequeninos, que eram como dois besourinhos escondidos entre petalas.

O poeta passou pelos grupos e foi-se á sala do albergue.

A locandeira sahiu-lhe ao encontro, rindo.

Era uma robusta moça, córada e forte e de tanta graça no leve e ligeiro andar que, só para a verem reboir-se na vistosa saia, constantemente a reclamavam fóra :

Mais vinho ! Mais vinho !

Como estava quebrado de fadiga, sentou-se o poeta em um dos poiaes da varanda, onde a moça o attendeu :

— Vinho ?

— Não. Leva-me ao aposento mais retirado que tenhas, onde não cheguem rumores de riso nem echo de cantares. Quero o silencio.

— Silencio ! E é aqui que o vindes buscar ? Póde lá haver silencio onde móra a Alegria ?



— Ah ! Esta é, então, a estalagem da Alegria ?

— Nella estais e a propria dona é quem vos fala.

— Desculpa-me, disse levantando-se. Vim errado. Não é este o albergue que me convem. Não ha outro por aqui perto ?

— Sim, na floresta : velha choça coberta de hera, onde habita, entre soluços e gemidos, minha segunda irman.

— Como se chama ?

— Tristeza.

— E a primeira qual é ?

— A Alegria, que sou eu. Tal não vos parecerá quando virdes a Tristeza. Tambem, coitada ! Com tantos filhos ! . . . Casou-se com o Pensamento e passa a vida a chorar. Mas se é silencio que buscais, passai de largo, porque na choça de minha irman ninguem dorme : os Cuidados não deixam. Silencio só o encontrareis adiante.

— Onde ?

— Na estancia da nossa irman mais moça, a Morte.

— Mais moça . . . !

— Sim : veio depois de mim e depois da Tristeza. É a ultima.

— E a Esperança, onde móra ?

— A Esperança ? A Esperança é uma pobre louca, que anda pelas estradas coroadas de folhas verdes. O seu prazer é banhar-se nos lagos, mirar-se nas poças d'agua e, vendo o azul reflectido em taes espelhos, imagina achar-se no céu, como estrella. Pobresinha ! Ide á minha irman mais moça. E foi-se o poeta.

Passou pela choça da Tristeza : tapéra lugubre em cujo tecto palhiço arrulhavam pombos. Na eira, tanta era a gente de luto, que fazia como uma sombra larga ao sol. Ouviam-se os soluços á distancia e os clamores atroavam o ar.

— E mais ruidoso, talvez, que o albergue da Alegria, pensou o poeta desviando-se e, depois de andar horas e

horas, ao esmorecer da tarde, chegou á estancia da Morte.

Era um campo estirado de filas de cyprestes, com salgueiros chorando ramas.

Bateu num cippo funerario. Levantou-se a lapide e a Morte surgiu-lhe como de um alçapão. Disse-lhe o poeta o seu desejo e a senhoria dos tumulos respondeu-lhe em palavras graves :

— Em qualquer ponto deste campo terieis o que pedis se não trouxesseis alma. Aqui reina o silencio. A alma é que faz o ruido da vida com o estuar dos desejos, que se sublevam em ambições ; com os amores, que degeneram em loucura e com esse delirio a que chamais « Ideal », investida ridicula ao Infinito, tentada pelo ephemero. Não ha tormentas que estrondem tão alto nem oceanos que rujam tão forte como um coração que se accelera em ansia. Tornai á vida até que elle cesse de bater e, por frio, a alma o abandone diluindo-se no infinito

como se esgarça no ar o fumo de um fogo morto.

Disse e recolheu-se ao tumulto. E o poeta regressou á vida pelos caminhos que trilhara buscando a Morte.

E agora, pobre louco ! como a Esperança abeira-se dos lagos e das poças d'agua illudida pela imagem do céu, que nelles vê, elle não deixa o lume de dois olhos negros, que o guiam e, que, parecendo-lhe estrellas, são brasas que o vão queimando.

E a Morte, que o espera, já começou a construir no campo silencioso a morada que lhe destina e, enquanto trabalha, canta em voz presaga :

« O amor é chamma que attrahe e mata a mariposa divina . . . »

E a alma do poeta desfaz-se em canções e idyllios que a dona dos olhos negros recebe e espalha indifferente no ar.

COELHO NETTO

---

# VESPERAL

---

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.<sup>da</sup>  
editores — Rua das Carmelitas, 144

---

1928

1

c

n

p

q

r

d

n

o

c

q

a

q

c

t

ç

g



## No oasis

---

No oasis, ao clarão amarello de innumeras fogueiras, as tendas do vasto aduar semelhavam dunas como as que ondulam no deserto quando por elle passa o vento de assolação.

Meharis e ginetes repousavam entre as pilhas de carga reunidas, por segurança, na área central do acampamento e no silencio, que tresandava a azedume de suor, ouvia-se, aqui, ali o vagaroso e molle remolho dos ruminantes.

A gente da *mehalla*, dispersa, gosava a doçura da noite tepida, de luar, cada qual á sua guiza, onde e como lhe aprazia, passeiando aos casaes ou sentados em volta das fogueiras, ouvindo afinados instrumentos ou rythmando, a cantares e palmejos, os requebros voluptuosos de bailadeiras envoltas em veus de gaze e saltitando levipedes ao tintinabulo dos guisos postos em cingulos nos tornozellos. Em volta da cisterna, porém, era maior do que em outra parte o ajuntamento.

Havia de tudo, promiscuamente — guerreiros, com as suas armas; pastores com os seus cajados apontados em lanças; anciãos e mancebos; mulheres e crianças; uns de pé, outros de cocoras, sentados ou estendidos de bruços na arêa, com a face encaixada nas mãos, todos attentos á palavra morosa de Ibn-Sahem, o Shaer, que narrava uma das lindas historias da sua imaginação fertilissima, tirando-a de duas simples

palavras, ou pedras, como elle dizia, uma de Allah, o *Sim*; outra de Iblis, o *Não*.

E assim disse no silencio dos que o ouviam o inspirado revelador de maravilhas :

« Ainda não existia o Tempo, pastor de illusões e pai da Velhice, e na immensidade sem rumo e sem horas, voavam apenas dois entes — Allah, senhor do Bem e Iblis, senhor do Mal.

Procuravam-se um ao outro, accendendo relampagos e as vozes com que se desafiavam, e ainda hoje se desafiam, eram trovões. Depois de muito se buscarem em vôo, encontraram-se frente a frente e Iblis foi logo desafiando Allah para um duello e o que delle sahisse victorioso seria o senhor do Mundo. E Iblis, o anjo negro, o grande Chitan, principe dos *djinnns*, cujas azas, quando se estendem de extremo a extremo do céu, encobrem o sol, disse arrogante :

— Vou lançar uma pedra negra d'encontro á nuvem que nos cerca e o que sahir do choque será o meu primeiro repto.

— Dar-te-ei a resposta com uma pedra branca. A tua pedra que nome tem, porque não lhe basta a côr ?

— É o Não.

— A minha será o *Sim*. Eia, pois ! Começa !

Iblis obedeceu arremessando a primeira pedra e logo jorrou da altura, com despejado estrondo, o caudal espumoso que se fez oceano. Allah lançou a primeira pedra branca e sobre a immensidade do mar coalhou-se, firme, o que, desde logo, foi a terra empollada em montanhas, sulcada em valles, estendida em campinas.

Iblis contemplou um momento a obra do Bemfeitor, logo, porém, atirando outra pedra ás montanhas, os valles e as campinas cobriram-se de neve.

Não se demorou Allah com a resposta

e, apedrejando a altura, fez, instantaneamente, desabrochar o sol que, tudo aclarando e aquecendo radiosamente, fundiu num ápice a neve fria, transformando-a em rios e ribeiros alegres e crystallinos que se puzeram a correr, cantando, em todos os rumos pela terra secca. E disse Iblis, sempre arrogante :

— Continuemos. E, sem disfarçar a colera em que se inflammava arrojou, com furia, ao alto, outra pedra e tal arremesso estrondou explosivo e delle partiu o raio fulminante, descendo em flagello á terra e ferindo-a até ás entranhas.

Mas uma pedra branca de Allah fê-lo captivo, submetteu-o ao prestigio e do que baixara para destruição nasceu o fogo dócil, amigo, benefico e sociavel, claro para alumiar, quente para aquecer como faz o sol.

Iblis concentrou-se e, tirando partido do que Allah accendera na terra, tornou-a adusta, esbrasida, mudando em

carvões os penhascos, em areaes os campos e assim estenderam-se os desertos.

Allah, porém, ferindo as rochas com outra pedra, fê-las rebentar em fontes que, golfando abundantes aguas, tudo refrescaram. Iblis, cada vez mais enfurecido, insistiu com outra pedra e rebentaram cardos, urze e espinhaes. Allah, em resposta, fez nascer a floresta.

Que poderia fazer contra o Bem o Anjo negro ? Que força teria o *Não* destructivo contra o *Sim* creador ? Iblis, olhando as arvores frondosas, visou um galho fino e apedrejou-o. No mesmo instante em que foi tocado desprendeuse o galho e, colleiando, internou-se, rapido, pela espessura, e foi a vibora.

Allah sorriu e com uma pedra lançada á fronde da mesma arvore, fez desabotoar um ninho e resooou harmoniosamente na brenha o canto do rouxinol.

— Sê tu agora o primeiro, disse Iblis a Allah. E Allah, assim como fizera o mais, fez a Vida e a Vida deu a sua

flôr, o Homem. Iblis fez para a Vida a dôr e a tristeza e para responder ao Homem . . . fez a Mulher.

Houve riso entre os ouvintes do Shaer,<sup>vi</sup> menos das mulheres, que resmungaram contra a maldade. E o poeta continuou indiferente ao riso e às murmurações do despeito :

— E Allah deu ao homem o coração para o amor ; Iblis deu á Mulher o coração para o ciúme. Allah poz na alma do Homem a Esperança. Iblis poz termo á vida, creando a Morte. Venceu o *Sim* ou venceu o *Não*? perguntou o poeta aos seus ouvintes.

-- Venceu Iblis, com as pedras negras, disseram.

— Venceu o que creou a Morte, accrescentaram.

O Shaer não respondeu. Tomando, porém, no chão um caroço de tamara, mostrou-o aos que o ouviam, perguntando :

— Que é isto ? E explicou elle pro-



prio : Um caroço de tamara, resto de um fruto morto.

— Sim, confirmaram, um caroço de tamara que apodreceu no chão.

— Dê-m-lhe uma cova, cubram-no de terra e será uma tamareira. É assim a morte. Venceu Allah, que é o Bem, a Força creadora e affirmativa : o *Sim*. E as pedras com que venceu lá estão em cima, no céu, brilhando, e são as estrellas que nos alumiam e ante as quaes não prevalecem todas as pedras de Iblis amontoadas formando a escuridão da noite.

## Na varanda, ao luar

---

— A confiança é como o sol, minha filha ; o ciume é luz de luar. Antes a noite negra, que encobre, do que o pallor que tudo transfigura, fazendo dum ramo de arvore um espectro.

O luar é intrigante como Yago, e Othello preferia a certeza á suspeita do crime, porque na certeza são os olhos que vêem e na suspeita é o espirito que imagina. Que provas tens tu ?

— Provas, seguramente não as te-

nho ; se as tivesse não pediria o teu conselho : procederia de « motu-proprio ».

— Pois se não tens provas não accuses teu marido nem faças á tua amiga a injustiça de a suppores capaz de traição.

— Papai, a mulher é mais perspicaz do que o homem, por ser mais instinctiva. O homem pensa mais do que observa, olha mais do que vê. É como o sol que diffunde clarão e abrange immensidades, mas a sua luz não esquadrinha em pesquisas. A mulher rebusca, especula, afurôa — é como a lanterna surda que avança sorrrateiramente na treva, illuminando recantos e frinchas.

Como o selvagem, a mulher tem os sentidos muito agúdos : escuta no silencio, vê no escuro, apalpa no vácuo, fareja no ar. O homem só dá pelo crime quando vê sangue ou vergonha ; a mulher presente-o na premeditação. Os oráculos eram sybillinos.

A intelligencia feminina é toda feita de sensibilidade. Quando a mulher des-

confia é porque alguma coisa a ameaça. E eu desconfio, meu pai.

— E quem é essa criatura ?

— Uma especie de manequim em que tudo se ajusta, como na hypocrisia. E, justamente por ser um conjuncto de mentiras, seduz, como toda a illusão.

— Mas se ella é assim por que a recebes ?

— Bem se vê que vives alheiado do mundo, entre livros. Ha criaturas que se insinuam como o pó : para evitá-las seria necessario que eu trouxesse sempre a casa fechada. Ainda assim . . . Não sei ! Essa é das taes. Recebo-a sempre friamente, não lhe retribuo as visitas, evito-a nas ruas e nos salões onde a encontro. Ella, porém, procura-me, agarra-se a mim, forçando a minha intimidade.

— E teu marido ?

— Que tem ?

— Já o surpredeste em falta ?

— Não.

— Então por que desconfias ?

— Porque não é o mesmo, de uns tempos a esta parte.

— Maltrata-te ?

— Não, trata-me até com mais carinho agora. Mas as flôres também enfeitam os tumulos. Os carinhos de meu marido fazem-me pensar em corôas funereas. A vida está lá fóra, a sepultura é esta casa e a morta sou eu, coberta de rosas.

— E se teu marido está innocente ?

— A innocencia fluctúa sempre, meu pai.

— Nem sempre. Ás vezes, para encontrá-la, é necessario descer ao fundo do abysmo.

— Eu descerei.

— É arriscado.

— Que importa !

— O ciume desvaira-te. Filha, não queiras mais do que aquillo que tens á vista. Contenta-te com o azul. O céu é um sainete com que a religião nos consola da morte. Se fôres, com sêde, á fon-

te mais limpida e mergulhares profundamente a bilha, até que toque o leito, farás affluir á tona d'agua, turvando-a, o rebalço que jaz assente no arro. Assim no coração, que é fonte onde se refresca a alma, o amor é a agua. Se o tomares na superficie ha de saber-te á ventura, se lhe chegares ao fundo farás subir a flux tudo que ha nelle de dissimulação. Porque has de toldar a agua e dar-lhe ao gosto saibo cenagoso ? Contenta-te com o que vêes e gosa as apparencias. Na vida é a illusão que nos guia. É ella que nos esconde a morte com a verdura da esperanza e nos leva distrahidos em miragens atravez do deserto em que somos peregrinos.

Pensas na morte, apesar da terra ser toda uma sepultura? não! E por que has de torturar-te eternamente com o ciu-me?

— Porque o ciu-me é a essencia mesma do amor.

— É o lôdo revolvido que sóbe do

coração toldando a agua em que a alma se abebera e que será sadia, se fôr limpi-da, e será venenosa se estiver eivada de detricitos.

Aquelle que, mergulhando, revolves-se o leito do rio mais crystallino, subiria á tona enojado, golfando, em nauseas, a agua que houvesse engulido.

Ama, quero dizer : bebe a agua que tens e deixa que passem na correnteza e nella afundem as folhas cahidas das arvores acenosas. Tu mesma, quem sabe lá ! has de ter residuos no coração. Son-da o passado, recorda a tua vida de sol-teira e nella has de achar rebalzo. Foi teu marido o primeiro e unico amor que ti-veste ?

Que importa o que jaz no fundo se na vida fluctuamos no superficial ? O amor é como Deus : um invisivel em que todos acreditam, que todos invocam, a que to-dos se ajoelham e que ninguem verá jámais, sendo, entretanto, a Providen-cia da Vida.



Os que se entranham no mysterio, procurando a causa, perdem-se na loucura. Contentemo-nos com a graça divina, que se manifesta em tudo que nos cerca : no sol, no ar, no azul, nas flores, na vida, no mundo, emfim, que é o paraíso que temos.

— Prefiro o inferno, meu pai.

— Mau gosto.

— O amor sem ciume é como um fruto sem acidez. O homem não ama, habitúa-se. Só a mulher tem coração para o amor.

— E para o odio.

— Quanto mais clara é a luz mais se denigrem as sombras.

— Razão têm os pomareiros quando lastimam um bello fruto.

— Por que ?

— Porque . . . quasi sempre tem larvas.

— Que queres dizer ?

— Quero dizer . . . que és bella.



## Paradísia

---

Duma estrella fizera Deus aquella ilha e nella assistiu emquanto fabricou o mundo. Onde sólo mais rico, ar mais fino e mais puro, aguas mais limpidas e frescas, arvoredos mais vírdes, aves de plumagem tão variegada e canto tão harmonioso, flôres mais redolentes e animaes de tanta mansidão ?

As lavouras brotavam ricas, sem trabalho d'homem, o ouro luzia á flôr da terra, o diamante forrava o leito ras

dos corregos : havia rochas de esmeralda, cavernas accesas em beryllos e tantos eram os rubis nas serras que formavam por ellas como caudaes de sangue.

Nem frios, nem calores ; uma temperatura equilibrada que permittia caminhar ao sol e dormir, sem resguardo, á luz da lua.

Paradísia chamava-se a ilha afortunada.

Uma tarde, passeiando na praia varios insulanos, ouviram clamores que vinham do mar.

No porto, aferradas a ancoras d'ouro, balouçavam-se embarcações de varios portes. Os da ilha lançaram-se em bateis ligeiros, e, fazendo-se ao largo, recolheram um naufrago que, durante tres dias e tres noites, rolara em vagalhões de tormenta agarrado a um remo. Agasalharam-no, vestiram-no, fartaram-no. E o homem, repousado e contente, narrou-lhes a sua historia : era pescador, duma aldeia miserrima, entre dunas e

penhascos, onde as mulheres, de luto, amaldiçoavam o mar.

E mais : descreveu as terras d'além, assoladas de males, adustas no verão, regeladas no inverno, onde os homens degladiavam-se pelo ouro e pelo gôso.

E falou da miseria e da morte, das angustias da fome e das dôres que lancinam, das enfermidades que deformam, do abandono em que jaz o pobre, da soberba dos ricos, da humildade dos fracos, da arrogancia dos fortes, referindo-se ainda ás traições, ao vicio, á impiedade e ao crime.

E os insulanos ouviram-no maravilhados.

Na manhan seguinte — e foi esta a causa da grande guerra que entre si travaram os paradisios — como o naufrago affirmasse que se nortearia pelas estrellas, direito ás terras d'além, foi uma azáfama em apparelhar e abastecer triremes e, como todos o quizessem por piloto, renhiu-se a luta armada.

Tingiu-se a terra de sangue e o incendio lavrou do casario á floresta.

Foi então que, na altura, estrondou a colera de Deus contra aquelles homens da sua preferencia que, vivendo em felicidade plena, ainda haviam desejado o que lhes descrevera o pescador.

E, pelo crime dessa ambição, Deus conflagrou os elementos : tendeu, esbo-roou a ilha, assoberbou os mares, desencandeiou os ventos, inflammou os raios e subverteu no abysmo Paradísia, fazendo desaparecer com ella a unica estancia de ventura que deixara no mundo.

## A Mentira

---

Depois que Adão e Eva foram expulsos do Eden o delicioso jardim transformou-se em selva brava. Os doces animaes, que viviam associados, pastando nos mesmos campos, bebendo nas mesmas ribeiras enfureceram-se e os mais fortes lançaram-se sobre os mais fracos. O sangue correu copioso.

As arvores agulharam-se de espinhos, as pedras explodiram faúlhas, o mar e o rio empolaram-se em vagas, o raio sulcou o espaço, appareceram grossas nu-



vens negras, peçadas de tormentas. E veio a primeira noite.

Na escuridão de uma caverna, abrigo de leões, encontraram-se duas virgens. Uma era tão clara e os seus olhos brilhavam tanto que, em volta do seu corpo nú, tudo resplandecia. A outra, coberta de folhagem, attrahida pelo esplendor da primeira, foi por elle e alcançou-a. Juntas, encolhendo-se em um vão da furna, conversaram :

— Que terá acontecido ? Onde andarás o casal de Deus ?

— Não sei, respondeu a virgem luminosa. Não os encontro, por mais que os busque. E agora, então, neste escuro . . . Que terá acontecido ao sol ?

— Eu sei.

— Sabes ?

— Sei. O sol era só e vivia triste, como Adão antes de Eva ser creada. Então o Senhor adormeceu-o para tirar-lhe do corpo uma companheira, a lua, que será a mãe das illusões. Ouvindo

a companheira, que assim falava, perguntou a virgem luminosa :

— Tu quem és ? Como te chamas ?

— Eu sou filha da terra, nascida, ha pouco, na raiz da arvore que está no meio do Paraíso. O meu nome é Mentira. E tu ?

— Eu sou uma das virgens que cercam a throno do Senhor. Fiquei na terra para guiar o Homem. Já que o não vejo dentro da escuridão vou regressar ao céu.

— Leva-me contigo, pediu a Mentira.

— Vem.

E as duas levantaram vôo. Chegando ao céu, foi a Verdade entrando e os anjos receberam-na contentes. Vendo, porém, que a outra a acompanhava, oppuzeram-sè :

— Quem és tu ?

— É a Mentira, disse a virgem luminosa, filha da terra, nascida na raiz da arvore que está no meio do Paraíso.

— Para traz ! intimaram os anjos.

Não tens aqui lugar. Regressa ao teu berço. E fecharam a porta diamantina.

Ficou a Mentira no espaço e, receiosa de tornar á terra, onde tudo era revolta e furor, tomou a direcção do inferno. O caminho era sinuoso e aspero, calçado a brasas, por entre escarpas por onde escorriam caudaes de lava. Chegando ao vestibulo combusto pediu para falar a Lucifer. Uma salamandra introduziu-a.

O mau Anjo recebeu-a carrancudo :

— Senhor, venho implorar a vossa protecção. A terra escureceu de repente e, tudo que nella havia, que era dócil, embraveceu e ameaça-me. Guardai-me comvosco.

— E quem és ? Como te chamas ?

— Sou a Mentira.

Dum salto poz-se Lucifer de pé, sorrindo e, abraçando a virgem, que o encarava, espantada da subita mudança, exclamou ameigando-a :

— A Mentira ! Pois és tu ? ! Foste tu

que nasceste da semente do fruto prohibido ?

— Eu, mesma, Senhor.

— E foste bater ao céu ?

— E repelliram-me.

— E vens pedir soccorro ao inferno ?

— Certa de que m'ó dareis.

— Não. Preciso de ti na terra. Regressa e assume o governo do mundo. Serás a dominadora da Vida, e a minha Força entre os homens. Vai ! E deu-lhe um cofre onde havia todas as seducções e todos os caprichos. Mas a virgem hesitou medrosa e, em palavras tremulas, falou :

— Mas onde poderei eu ficar, Senhor ? Não ha lugar na terra para mim. As florestas tomaram o solo, o mar e os rios não me aceitam, nas cavernas acolhem-se os animaes ferozes, nos proprios ares, ainda que eu nelles me pudesse librar, pairando sobre as azas, teria de defender-me dos abutres. Onde ordenais que eu fique ?

— No coração da mulher, disse Lucifer, e, dahi, governarás a Vida. E, beijando-a na boca, acompanhou-a ao vestibulo e despediu-a.

Eis porque, desde que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, a Verdade desapareceu do mundo e a Mentira domina onnipotente.

## A cigarra e a formiga

---

*Que faisiez-vous au temps chaud ?  
Dit-elle a cette emprunteuse,  
Nuit et jour à tout venant  
Je chantois, ne vous déplaie.  
Vous chantiez ! j'en suis fort aise.  
Eh ! bien ! dansez maintenant.*

LA FONTAINE.

Posto que se houvessem provido para o tempo aspero, as formigas começavam a preocupar-se com a delonga do inverno : Maio, e nevava ainda. Já se agitava em receio o povo subterraneo quando uma velha formiga, com experiencia de dois invernos, ponderou acalmando-o ;

— Não vos alarmeis, filhas da terra. Cante a cigarra cálida e o sol reabrirá no azul os dias de ouro.

Taes palavras soaram em tom de oraculo. Certa formiga, porém, que até então, se conservava quieta, suspirou lamentosa :

— Ai ! de nós, se a volta do sol depende do canto da cigarra, nunca mais reviharão as lavouras nem se revestirão de folhas as arvores do bosque.

— E por que ? perguntaram.

E a merencorea contou como, no cerrar do inverno, a cigarra lhe pedira o emprestimo de uma migalha e a resposta que ella lhe dera. Foi, então, um alvoroço no formigueiro. Tornou a velha formiga com o seu suave conselho :

— O mal está feito, disse, não o aggravéis com um motim. Ide todas com provisões de soccorro, correi frinchas e taliscas, fendas e brocas de troncos, gretas de barrancas e lezins de rochas e talvez encontreis viva a cigarra. Ha um



deus que dá aos pobres lareira e cibo no somno em que os adormenta. Talvez esteja a dormir, sonhando.

Ennegreceu a neve em volta do formigueiro com a sahida do enxame, logo, porém, dispersando-se, seguiu, cada qual, a seu rumo.

Quiz o destino que fôsse a propria formiga, que negara esmola á cantadeira, quem a encontrasse em uma lura, inerte, fria, como morta. Acudiu á misera com os cordiaes que levava e, vendo-a mover as azas debilmente, deu-lhe de comer bastante.

Fartou-se a cigarra e, á medida que as forças lhe voltavam, abria as azas, distendia as pernas e ensaiava cicios. E lenta, tropega, arrastou-se até á beira da cova.

Tudo era esqualor de neve e bruma. E a cigarra cantou.

Logo rolaram, de roldão, as nuvens, os riachinhos gelados despertaram, joraram catadupas das montanhas e ras-

gou-se umas nesga de azul e por ella desceu uma restea de sol : era o rebento da luz. E foi a vez das raizes e dos ninhos acordarem. Romperam novedios, bateram azas no espaço e houve aroma e houve cantos. Era a primavera.

E a cigarra cantou mais alto e os lavradores sahiram, balaram os rebanhos contentes, mugiram os bois no trabalho e a azenha perra girou na levadia.

Então a formiga poz-se a escutar o canto da cigarra, ao sol, vendo reçumar a vida em volta da arvore décidua em que desferia o insecto. E, recolhendo-se ao formigueiro, ouvia outros cantares humanos, qual mais alto e jocundo, qual mais meigo e amoroso. E assim a cigarra, imprevidente e prodiga, restituia o sol e a vida a quem lhe negara a miga.

Assim és tu, Poesia, sempre generosa, que, aos que mais te desprezam, nas

horas agras dás esperanças, que é luz ;  
dás o amor, que é sol ; e dás a fé, que é  
o azul, consolação dos olhos desespera-  
dos.



## Aguas subterraneas

---

Para que cavas tão fundo, cavador ?  
a semente aninha-se em um sulco.

Se é para a vida que trabalhas não  
dês ao berço a profundidade do sepul-  
cro.

Não vinques tão a dentro o sólo.  
Para chamar á face da terra a flôr, que  
é o seu sorriso, basta um golpe. A cova  
é vacuo que penetra o chão e o abre lar-  
go e descoberto como o riso sem carne  
da caveira. Não faças obra de cemiterio,  
tu que és sementeiro.

A terra, para produzir, basta ser afluada ; quem a recava demais tópa com as aguas subterraneas e, em vez de evocar a fluada, provoca borbulhões cachoantes.

Tudo requer medida para ser perfeito. Nem tanto cavar, cavador, que as minas d'agua rebentarão a teus pés e ficarás em diluvio.

Não rias tanto, linda moça, que assim dás com a tua alegria em pranto, porque o rir é, também, cavar.

Quando sorris ficas com o rosto florido; gargalhas e toda se te engalha a face, deformando-se como um terreno revolvido e, se insistes, vê-se-te a boca como um jazigo, em cuja beira alvejam os dentes em ossada. E que te acontece aos olhos ? ficam marejados. É que entras demais com a alegria no intimo d'alma como o cavador teimoso pela terra ; e que acha elle no fundo ? aguas ; e tu, que encontras ? lagrimas.

Fazes mal em rir assim ; contenta-te com o sorriso que te embelleza e toda te revestê de graça.

Rindo, como ris, acabas chorando e, com o pranto em fios pelas faces, não sabe a gente se, em verdade, ris ou se choras disfarçadamente.

Olha o cavador ! Tanto enterrou a enxada, tanto avançou com a cova que lá deu, no abysmo, com o veio das aguas reconditas.

Não rias tanto, linda moça, que o riso é como o sol em neve : brando, fál-la scintillar iriada ; forte, reluma-a e funde-a em corredeiras.

Não rias tanto porque o fundo do coração é como o fundo da terra — um manancial.

Olha o cavador ! Tanto desceu com a enxada que as aguas das minas romperam das profundezas, como te estão a correr dos olhos, á força de tanto rires, essas lagrimas que não são mais do que aguas subterraneas do coração.



Nem tanto cavar, nem tanto rir,  
Para chamar a flôr á terra basta um  
sulco, e a maior alegria cabe num sor-  
riso.

## O relógio

---

— Que é isso ?

— Isso, que ?

— O relógio . . . Porque está batendo assim?

— É o relojoeiro que o está examinando. Parou á tóa. Tambem está tão velho . . . !

— É. Deve ter mais de oitenta annos. Eu estou com sessenta e tres e, quando nasci, elle já era velho em casa. Naturalmente o relojoeiro ha de querer levá-lo para a officina.

— É.

O enfermo soergueu-se com angustia, respirando a haustos e, depois de uma pausa melancolica, murmurou humildemente :

— Eu devia ir tambem para uma Casa de Saude.

— Ora, papai . . . Que ideia ! Você tem cada uma !

— Não, minha filha ; eu sei. Os doentes incommodam. São trambolhos no meio do caminho atrapalhando o andar dos que têm pressa. E, quando são velhos, como eu, ainda peor. O relógio, com esse bater descompassado, é como eu com a tosse, com os gemidos, com as impertinencias, sempre a chamar-vos para uma coisa e outra. Se eu estivesse em uma Casa de Saude . . .

— Era o que faltava ! Papai quer mais alguma coisa ?

— Não. Olha : fecha a janella. Mais ! Corre o ferrolho.

— Quer ficar no escuro ?

— Talvez durma um pouco. Assim. Agora vai. Tens que fazer lá dentro. Se precisar chamo-te.

— A campainha está aqui. É só papai estender o braço.

— Sim. Vai.

Cahia, contínuo e funebre, no silencio o som monotonico das horas como se todas, uma a uma, abandonassem a velha caixa.

O enfermo encolheu-se, puxou as cobertas até o queixo e, immovel na escuridão do quarto, ficou-se a ouvir supersticiosamente aquelle rumor de abandono : a sahida das horas, seguindo com a imaginação a tragedia, só para elle representada por aquelles sons lugubres.

D'olhos fechados via o relógio, um grande relógio de armario, que lá estava a um canto da sala de jantar, com o seu quadrante de porcelana reticulado de fissuras e o disco da pendula oscillando lento, em lampejos irradiantes.

Via-o cheio de tempo, como um cor-

tiço enxameado, sempre a gerar segundos que cresciam em minutos até chegarem a horas para, então, fugirem, perderem-se na Eternidade. Dentro, porém, da caixa a vida continuava com a versatilidade da pendula, e outros segundos nasciam, cresciam em minutos, em horas e iam enchendo os dias, semanas, mezes, annos, sempre alegrando a casa com o zumbido sonoro.

E parara.

Quando as abelhas abandonam o panal as miserias entram-lhe pelos aivados. E aquellas horas fugindo assim em atropelo, como as abelhas fogem quando lhes crestam a colmeia . . . Fuga de abelhas é signal de desgraça !

Que teria acontecido ao relógio ? Talvez a corda houvesse rebentado.

Só elle o entendia, coitado ! Dava-lhe corda, acertava-o, até com elle conversava reprehendendo-o por descuidos na marcação do tempo.

Aos sabbados lá estava para alimen-

tá-lo e se, alguma vez, esquecia-se, ouvindo as horas fracas, logo acudia ao reclamo do faminto desculpando-se do descuido com a velhice que o desmemoriava.

Mas com a doença, sem poder sahir da cama, ali a acabar . . . Pobre relógio !

Quantas horas teriam passado por elle desde que sahira da officina natal : horas alegres, horas tristes, abelhinhas invisiveis que andam pelas almas como as outras pelas flores. Quantas !

E lá fóra continuava o som cadente e lugubre, um a um, no silencio.

O enfermo sentiu o coração crescer-lhe precipitando as pancadas, como se tambem estivesse a esvasiar-se da vida, á maneira do relógio que batia á tôa, desordenadamente, horas e horas seguidas.

Espavorido soergueu-se difficilmente apoiado aos cotovellos e ficou á escuta.

Silencio. O relógio deixara de bater. Por que ?

Iam, de certo, levá-lo. Elle, porém, voltaria ao seu canto, na sala ; voltaria concertado para continuar a vida, espalhando novas horas pelo Tempo, abelhas para fabricarem mysteriosamente mel e cera.

E o seu coração? Para esse não havia concerto e, lançando assim a vida precipitadamente, em breve estaria sem nada.

Quiz vêr o sol — a janella vedava-o e a escuridão tornou-se-lhe densa, pesada como terra de tumulo.

Sentiu uma oppressão de asphyxia, pruir de vermes no corpo, vibrações de arripios e um somno que o invadia, entrando-lhe pelos poros como a agua encharca a esponja. Um som longinquo de campainha de viatico, soou-lhe aos ouvidos longa, percuientemente.

Quem teria pedido o Nosso Pai ?

Abateu no travesseiro boquiaberto, d'olhos parados e a luz foi-se-lhe nelles apagando. Em impulso extremo da vontade quiz alcançar a campainha — o bra-



ço não se moveu, inerte. Tentou um grito e o ar sahiu-lhe em rouquejo, a rolos, como se lhe houvesse entrado agua pela boca.

E a vida, esparsa no ambiente, não conseguiu penetrá-lo, como não entra o sol em uma casa a que fecham aferrolhadamente portas e janellas.



## Querencia

---

Viajavam sempre juntos, na mesma carreta : o cafre e o esquimó. Eram elles, mais um urso e dois macacos, as curiosidades com que os saltimbancos attrahiam concurrencia ao circo. Assim, apenas chegavam a qualquer cidade ou villa, logo faziam sahir o palhaço escanchado num jumento, annunciando o homem que vivia dentro do gelo e o negro, queimado do sol, que domava serpentes.

E nas casas, nas lojas, nas lavouras e até no adro das igrejas outro não era o

assumpto das conversas senão os dois homens nunca vistos : um que vinha do polo, outro das brenhas d'Africa.

Desde a tarde, quando se accendiam as luminarias á entrada do circo e começava o zabumbar estrondoso, com o falario araviado dos palhaços, cabriolando aos trambolhões e taponas no alto de um estrado, era gente a chegar por todos os caminhos : a pé, aos grupos, a cavallo, em carriolas e o interesse que trazia a todos, ás vezes, de leguas, era sómente vêr dois homens raros, tão preconisados pelos reclamos.

E começava o espectáculo.

Esforçavam-se, á compita, funambulos e volatins, equilibristas e saltadores, pelotiqueiros e malabaristas, prestimanos, volteadores e amazonas ; o povo borborenhava ansioso á espera dos dois homens e, quando lhes chegava a vez, um silencio de curiosidade abafava o murmuro.

E afinal, quem eram elles, os « gran-

des numeros » do programma ? um macambuzio groenlandês e um negro bronco que grugrulhava saltando, em tripudio selvagem, ao som monótono de um tamboril.

Era tal a decepção do povo que, no segundo espectáculo, difficilmente conseguiam os saltimbancos gente que desse para uma fila da archibancada.

E lá vinham, depois dos gymnastas, dos mimicos e dos animaes, os dois exilados tristes.

No dia seguinte, pela manhan, partia o bando, estrada fóra, ao som de tambores e cornetas, com a cavalhada nédia, o urso lerdo, os trefegos macacos, homens, mulheres e crianças luzentes de lentejoulas e o esquimó e o negro sempre juntos na mesma carreta, cada qual acocorado a um canto.

Não trocavam palavra. Às vezes, entretanto, encaravam-se longamente, sacudiam a cabeça em gesto de desalento e, suspirando, recahiam na tristeza lugubre.

Que lhes importavam os caminhos por onde transitavam : ruas de cidades ou estradas aldeans, se viam apenas o que trazia aos olhos a saudade !

Definhavam melancolicamente e o que a um e outro os ia consumindo era o mesmo mal, a mesma doença surda — a nostalgia da patria, o appello da que-rencia.

O groenlandês suspirava pelos gelos, o negro pelos areaes. Um, quando o luar alvecia os campos, sentava-se merencoreamente á porta da carreta enganando o coração com o espectáculo da alvura silenciosa que lhe recordava os páramos, onde o vento, pulverisando a hybernia, passa ululando, envolto em brumas.

O negro, esse era nas horas mais quentes do dia, quando o sol fazia crepitar a terra secca, que mais sentia a angustia da saudade. E lá iam perecendo á dôr da ausencia, sempre longe, soffrendo do apartamento do que lhes era a vida: o gelo para o esquimó, e para o negro o sol.

Andaram, andaram, até que, uma manhan, sol alto, dando o director do circo pela ausencia dos dois homens, foi á carreta onde elles. Bateu. Não responderam. Forçou, então, a porta fragil e entrou.

Lá estavam os dois, cada qual a seu canto, mortos: um, perecera com saudades do gelo, o esquimó; outro, succumbira á saudade do sol, o negro.

Partiram juntos, á mesma hora, talvez, e as almas separaram-se na altura: uma, em direcção ao polo, a rever as planuras e os rochedos hyalicos; outra, em rumo ao deserto de arêas calidas.





## O fruto da Arvore da Vida

---

Emquanto Adão lavrava a terra, para entreter os filhos, que eram quatro : Cain e Azrum, Abel e Owain, nascidos aos casaes, como se viessem, desde o ventre, nupcialmente unidos, Eva referia-lhes a delicia dos dias paradisiacos.

Ouvindo-a, certa vez, Azrum, a mais velha e mais linda das meninas, que nascera da mesma dôr em que viera Cain, perguntou-lhe, aconchegando-se-lhe entre os joelhos :

— Se era tal como o descreves, por-

que deixaste o jardim por esta terra maligna, alagada em pantanos, eriçada de espinhos e crespa de tojo e urze ?

— Não o deixamos de nosso grado : fomos d'elle expulsos. O Senhor, que tudo nos concedera e facilitara, só nos prohibira tocar nos frutos da Arvore da Vida. Uma manhan, como nos achassemos á sombra da Arvore defesa, a serpente desceu das frondes enroscando-se-lhe no tronco e, alongando a cabeça astuciosa, falou-me, com dizeres de engano, induzindo-me á desobediencia. E pequei contra Deus. E, assim como me tentara a serpente, assim tentei eu a Adão, offerecendo-lhe um dos frutos que colhera.

Pareciam de ouro e recendiam como flores.

Puzemo-nos a descascá-los e, tantas eram as cascas, que formaram monte diante de nós.

Chegando ao âmago, com ansia de saborear a polpa, que devia ser fina, não

encontramos mais que um bocado de terra e vermes como sementes.

Ainda não sahiramos do espanto quando os ares estrondaram com a voz do Senhor e vimos resplandecer na espessura das arvores, já atroando fremitos e uivos d'animaes enfurecidos, o Anjo que nos apontava o caminho do exilio.

Tal era o fruto prohibido, o fruto da Arvore da Vida, imagem da mesma vida, com o que ella tem de enganos e illusões.

Desde que sahimos do Eden outra coisa não temos feito senão procurar a felicidade e os dias passam, succedem-se como as cascas do fruto de ouro, prolongando o nosso soffrimento, até que chegemos ao âmago, onde acharemos um pouco de terra com os vermes da morte.

— E se não houvesse colhido o fruto? perguntou Abel, o de cabellos dourados.

— Se o não houvesse colhido, disse Eva sorrindo e com lagrimas nos olhos,

não teria soffrido a dôr da vossa vida,  
mas não gosaria ouvir o que os anjos  
não ouvem no céu — o doce nome de  
mãi, com que me acariciais.

## A victoria do principe

---

Farto de victorias e gasto de prazeres entediava-se mortalmente o principe na monotonia da côrte, quando lhe occorreu a idéa arrogante de combater e anniquillar a Noite.

Convocando a palacio sabios e sacerdotes, expoz o seu capricho pedindo-lhes conselho. Todos, unanimes, louvaram-lhe o proposito, augurando-lhe o triumpho e cada qual, com excepção apenas de um, que vivia solitario na montanha, suggeriu-lhe uma idéa.

Este, lembrou abater-se a floresta para que se levantassem com os troncos fogueiras altas : esse, que se canalisasse para os jardins um rio de naphtha ; aquelle, que se corresse no bórdo das muralhas um debrum de bitume ; outro, que se requisitassem todas as lampadas e tripodes da cidade para illuminação do arvoredo.

Um só conservou-se em silencio e, calado, como se mantivera, calado foi-se.

Durante mezes, sem descanso, trabalharam milhares de operarios, até que chegou a data em que se devia travar o combate.

Antes de cahir o sol começou nos jardins e nos palacios a azáfama aforçurada. Primeiro accendeu-se o bitume das muralhas e logo, esfervilhando, ardeu a orla estendendo-se na sombra, em voltas sinuosas, como um dragão que cercasse a cidade. As fogueiras atorreadas crepítaram eruptas ; explodiu violentamente a naphtha rolando o incendio ; tri-



podes e lampadas alumiam-se no folheto ; brilharam lumes em todos os pontos dos jardins, nos massiços e nas aléas : aqui, em linguas lividas ; além em áscuas tremulas. E o palacio illuminou-se incendiado.

E, como os que a elle affluiram eram guerreiros com armaduras lampejantes, nobres com os seus vestidos attalicos, damas em trajes fulgueros, carregadas de joias, no torvelinho em que se moviam relumbravam scintillações.

Accentuou-se o deslumbramento quando o principe, em maravilhosa pompa, trazido num palanquim, sob uma fronte de aláras, cercado de luzidos guardas, appareceu no salão de columnas de onix, cujo soalho, vermiculado de incrustações, coruscava como esparzido de fagúllhas.

De todos os peitos, como de um só, rebentou unisona a acclamação triumphal :

« Gloria eterna ao principe fulgente ! »

Vibraram os sistros tremulos e as

crembalas e clangoraram percutindo as longas tubas de prata.

Satisfeito e orgulhoso do que via, sentou-se o principe no throno e, diante d'elle, zumbridos, com as longas barbas de rojo, desfilaram os sabios e os sacerdotes, enaltecendo-o, com louvores, pela victoria esplendida.

Uma voz, porém, faltou no côro da lisonja e, ao passar o ultimo dos sabios, o principe indagou do que não vira.

Disse-lhe o chefe dos guardas que esse não apparecera, posto que os arautos houvessem levado a todos os cantos, ainda aos mais remotos e obscuros da cidade, a grande proclamação.

Irritou-se o monarcha com o descaso do subdito, exigindo que o trouxessem á sua presença.

Azinha, cavalgando corceis árdegos, partiram, em frecha, cavalleiros ageis e, instantes depois, entrava o ancião á presença do principe que o interpellou sobre cenho :

— Porque não vieste, como te cumpria, á festa do meu triumpho ?

— Senhor, fizeste apregoar que venerieis a Noite e eu não quiz intervir no duello dos deuses antes que a gloria fizesse a sua eleição. Esperava que tal se desse, mas olhando da eminencia em que habito e avistando apenas, cá em baixo, um clarão de fogueira, imaginei que houvesseis adiado o encontro e deixei-me ficar no estudo.

Que distinguia eu ? fogo de lenha, que eu tambem accendo no inverno e qualquer criança ateia com gravetos e folhas seccas. A noite negra imperava e que viria eu fazer, ante vós, com uma candeia na mão ?

Se a isto chamais victoria, tambem o vagalume póde celebrá-la, porque accende faiscas no escuro.

Houve um sussurro de espanto entre os presentes e todos, com vexame, intimamente, concordaram com as palavras do solitario porque, em verdade, não

viam em tudo aquillo mais que uma pantomima deslumbrante, que só servia para pôr em realce, e com ridiculo, a vaidade.

No oriente, acima do fio da cordilheira, o céu pallido rosava-se e laminas de stratus, entre nuvens purpureas, pareciam alfanges embebidos em sangue. Pelas faldas dos montes escorriam torrentes de luz aurea, espreado-se nas campinas com faiscações de orvalho.

Por fim levantou-se o sol e o esplendor foi geral e radioso, desde o alto até a mais escondida gróta.

E appareceram, então, os destroços da victoria : o leito calcinado em que se inflammára a naphta, o rescaldo das fogueiras altas, as lampadas extinctas, as tripodes apagadas. E o solitario disse :

— Vêde, senhor, bastou que nascesse o sol para que toda a escuridão sumisse e, com ella, a mentira das palavras. Eis o que resta da vossa victoria : cin-

zas, morrões e crustas, e dos hymnos nem o écho no espaço.

Quem elogia por lisonja é como o que apanha frutos podres e, em corbelha de prata, acamando-os em flores, manda-os de presente. Eu vivo na minha selva e tiro os louvores da sinceridade, que é arvore alta e só offereço os que escolho entre os mais bellos, e bem sazoados ; os podres deixo-os no chão para os animaes.

E tal foi a resposta do solitario ao principe.



## O segredo

---

A tarde recolhia-se envolta em fino veu violaceo, em cuja fimbria, de rasto pela terra, sonorisavam os guizos das cigarras. Um cheiro morno, como do suor das arvores, impregnava o silvedo e as folhas, alliviadas do sol, brincavam trefegas nos ramos.

De mãos dadas, em enlevo, os noivos desciam vagarosamente em direcção ao lago. Uma borboleta azul passou por elles, lenta ; pousou em um arbusto e, cerrando as azas, ficou immovel como



flôr fugitiva, que receiosa da noite próxima, houvesse regressado á haste. Todas as frondes chilreavam.

Como a noiva, baixando os olhos, murmurasse uma palavra tímida, o noivo disse-lhe :

— Confias mais na fidelidade da tua amiga do que no teu proprio interesse para que lhe dês a guardar o que deves trazer tão escondido que nem em teus olhos o descubram esses mesmos que lêem nos astros ? Um segredo que nos escapa é como a escama que se destaca da armadura do guerreiro, deixando-lhe no peito um ponto vulneravel.

Acreditas que tua amiga tenha mais empenho, do que tu, no resguardo da tua alma ? Enquanto tiveres o coração abotoado não virão rondá-lo abelhas e beija-flores. Cerra-o e viverás tranquillá.

Vês as aguas do lago como repousam serenas, sem a mais leve ruga ? Espera.

Então, colhendo uma flôr das silvas, o noivo lançou-a no meio do lago.

Arripiaram-se as aguas sensitivamente e logo frisou-se um circulo em torno da flôr, que arfava ; outro partiu da aureola do primeiro, desdobrou-se o segundo em outro e assim, reproduzindo-se e ampliando-se, tanto se alargaram que se foram quebrar nos hervaças.

E disse, então, o noivo :

— Vês ? No ponto em que cahiu a flôr fez-se uma encyclia pequenina, della, porém, surgiram tantas outras e, augmentando, assim como se multiplicavam, se a mais attingissem as aguas, mais longe chegariam ellas estendendo o seu diametro pela largura do lago.

Dá-se o mesmo com o segredo que se confia a alguem. Passando de um a outro irá sempre augmentando como os circulos do lago que só morrêm nas margens.

Que importa que seja mais leve e mais puro do que uma flôr ? Se o passares á tua amiga dar-se-á o mesmo que se deu nas aguas : de um circulo sahirão outros e outros e, como do ouvido que recebe o

segredo á boca que o transmite ha um caminho a percorrer, elle levará comsigo para diante o que a fantasia, a mentira, a inveja, o despeito lhe forem ajuntando até chegar á calumnia, que é como o lôdo da beira das lagoas.

Tremem ainda as aguas, e, se não fôsse a terra, que as percinta, não sei até onde iriam os circulos que se abriram com a quéda da pequenina flôr.

Fia-te no que vês no lago, que é um espelho.

## Nupcias

---

Querendo o senhor celebrar com magnificencia os esponsaes da filha convidou os visinhos, sem excepção de um só, e deu folga a todos os famulos e serviçaes, inclusivè os pastores que viviam no monte : Silvio e Flora.

A moça, nascida e criada na serra, era a primeira vez que descia á chan.

Com que deslumbrado olhar pasmava diante de tudo que lhe mostrava Silvio :

— Ali é a igreja. Nã collina, por traz, é o cemiterio.

— Está cheio de cardos.

— Não. O que te parecem cardos são placas com a numeração das covas. Por ellas é que a gente sabe onde tem os seus mortos.

Mas os sinos repicaram festivamente e um bando de andorinhas, abalando da torre, espalhou-se alegremente no ar, como se fôsem os proprios sons alados.

— Como sôam alto, os sinos. Lá em cima, quando os ouço, penso sempre que são cincerros de gados nas quebradas.

Era a hora nupcial e os dois pastores entraram na sala apinhada de gente, onde já se achavam o juiz, o escrivão e os noivos, sentados juntos.

A noiva, pallida, toda de branco, parecia um grande lirio envolto em neblina.

— Que fazem elles ? perguntou Flora ao ouvido de Silvio.

— Juram diante do juiz que serão um do outro até á morte.

— E é preciso jurar ? Nós não juramos.

Silvio fê-la calar-se.

Finda a cerimonia civil encaminham-se todos para a capella, onde já os esperava o padre, ricamente paramentado.

— Vê como é lindo o altar e como está cheio de luzes e coberto de flores, disse Silvio a Flora.

— É, mas lá em cima, perto da rocha onde nos encontrámos, e que foi o nosso altar, a toalha era dagua, com rendas de espuma, as luzes eram de sol e as flores, vivas nos seus galhos, cheiravam cercadas de abelhas.

Vendo os noivos ajoelharem-se, Flora perguntou baixinho a Silvio :

— Que vão elles fazer ?

E Silvio segredou-lhe :

— Vão jurar diante de Deus que serão um do outro emquanto vivos forem.

A pastora abriu enormemente os olhos e, encarada no companheiro, susurrou risonha :

— Silvio, se elles tudo sellam com ju-

ramentos, é porque não têm confiança em si, nem no que fazem. Nós não juramos.

E o pastor, sorrindo-lhe aos olhos claros :

— Para que jurar ? Juramentos são liames de vime que estalam ao sol e apodrecem com as chuvas. O verdadeiro amor é como as arvores que se prendem pelas raizes e, onde nascem, ahí ficam, dando flores e frutos até a morte. Nós não juramos, entretanto . . .

Olharam-se enternecidos e sorridentes, apertando-se as mãos.

E disse o pastor, vendo os noivos levantarem-se :

— Talvez já se não lembrem do que disseram ao juiz.

— Do que disseram ao juiz . . . ? Talvez já se não lembrem do que lhes acaba de dizer o padre.

E desataram a rir com tal escandalo que todos se voltaram para vê-los.



## O esmoler peccador

(LENDA)

---

Entre os anachoretas que, então; espalhadamente, habitavam o desolado sitio onde, em tempos perdidos na memoria dos homens, florecera opulenta cidade, rival, em força e riqueza, da immensa Babylonia e da qual apenas restavam ruinas marmoreas, alvas como ossadas, Didymo era tido por maior em virtudes.

Tal era o prestigio do seu nome que alguns o traziam em nominas, outros

inscreviam-no no peito em tatuagem; mulheres bordavam-no nas vestes; guerreiros insculpiam-no nas armas. Enfermos invocavam-no e, instantaneamente, se lhes remittia a febre como se apaga uma brasa mergulhada n'agua.

Contava-se de certo leproso que, ao ser expulso da sua cidade, no desespero do abandono lembrou-se do nome milagroso e, pondo-se de joelhos, pronunciou-o.

Logo á primeira vez, o pús, que lhe escorria das ulceras, estacou. Com fé mais viva bradou-o e fecharam-se-lhe as feridas até que, á setima vez, a pelle maculada desprendeu-se-lhe do corpo ficando-lhe aos pés, como uma velha tunica que elle houvesse despido. E são, remoçado, entrando em uma caravana, regressou contente á cidade e ao lar de onde sahira escorraçado.

Tanta era a virtude de Didymo que, assim como o sol nada ha que o esconda, por mais que elle se mettesse em covas

davam por elle os que o buscavam em afflicção, porque a terra da sua jazida, por mais esteril que fôsse, com a sua presença logo se cobria de flores.

Os cabellos e a barba cresceram-lhe tão longos que o cobriam até aos pés, como a palhota com que se forram os pastores no inverno; as unhas retorciam-se-lhe nos dedos á maneira de raízes e como, para que não conhecesse prazer algum material, jámais se banhara desde que se impuzera a vida agra de penitencia, rompendo-lhe dentre os deramados cabellos, cresciam-lhe hervas bravas nos hombros como em velhos muros. Quando elle sahia do seu tugurio para buscar agua no correjo alguém que o encontrasse diria ter visto uma arvore caminhando.

Grandes peccados devêra ter commettido aquelle homem para que assim os purgasse com tão acerrima disciplina.

Que fôra elle antes de entregar-se á morte em vida, apagando em si to-

das as chammas dos desejos, reduzindo-se áquelle miseria diante da qual a do mais faminto e invalido mendigo seria opulencia e ventura ? Fôra bom, de inconsiderada bondade.

Filho de um rico homem, herdando-lhe o nome e os bens, quizera acercar-se de felizes, criando em volta de si uma bemaventurança.

« De que me servem tantos haveres em terras, lavoura e gado, ouro e alfaias se ha tantos desgraçados curtindo fome, tiritando de frio, padecendo enfermidades ou supportando tormentos iníquos ? »

Assim pensando sahiu a espalhar beneficios, como o lavrador lança, a mãos cheias, sementes na terra van.

Desde logo cessaram os lamentos, porque não houve mais ucha sem pão, arca sem linho, armario sem bragal, alfobre a monte, lar sem lume e fôsse quem fôsse que o buscasse por pena de corpo ou aggravo logo o tinha por si.

Charneca a mais sáfara por onde

passasse logo rebentava em seara ; arribana a que elle batesse abria-se para a felicidade. Elle era como a luz do sol que, onde chega, aclara e aquece. Tanto, porém, se lhe foi das mãos em dares de misericordia que, um dia, recorrendo á governita, achou-a sem miga. Como, porém, prodigamente esparzira beneficios, não lhe deu cuidado o não ter, certo de que os corações em que lançara o bem o haviam de acolher com generosidade, como a terra recebe com frutos no outono ao que a semeou na primavera.

E regressou pelas pègádas que deixara na ida.

Da casa que abastára sahiu-lhe o dono ao limiar negando-lhe a mais parca esmola. O que recebera lan trancou tudo o que tinha e apresentou-se-lhe coberto de andrajos, queixando-se do que elle lhe fizera com a sua esmola, que até lhe aggravara a miseria. Nem um só dos que elle tirára do catre, livrara da forca ou libertara do pelourinho, onde era

exposto ao opprobrio, o reconheceu como o beneficiador que os salvara. Muitos até negavam que jámais houvessem adoecido ou incorrido em pena de Justiça.

Alguns que, com a esmola recebida, se haviam enriquecido ou elevado com os seus favores, mandavam contra elle servos armados ou açulavam molossos dos seus canis. Assim andou elle pelos caminhos em que semeara o bem e nos quaes só encontrou indifferença e maldade.

Então, descrente dos homens, entranhou-se no deserto e, entre as ruínas da cidade morta, cavou a jazida em que viveu mais de meio seculo, sem vêr sombra humana, nem a dos proprios anachoretas, que o visitavam de tempos em tempos e aos quaes dava signal de vida respondendo-lhes ás palavras de fraternidade do fundo da cova.

Uma noite, ao romper da lua, quando os demonios, usando de mil disfarces, sahiam para tentar as almas fracas, a

Morte visitou-o adormecendo-lhe o corpo. A alma evolou-se-lhe rapida, direita ao céu, como foge a claridade da terra quando o sol declina no occaso.

Quanto ao destino que teve—repor-to-me ao que dizia o diacono que lia a legenda na basilica romana, ao fim da missa, legenda transmittida, através dos seculos, nos racontos do povo :

Levada ao céu e annunciada pelo anjo que a conduziu, não quiz o Senhor recebê-la por não a achar merecedora da graça. Enumerando o anjo os beneficios prestados na terra pelo que, livre da carne, em puro espirito, aguardava o premio de tanta caridade, disse severamente o Supremo Juiz :

« Mau é o sementeiro que não escolhe sitio e vai atirando a esmo a semente, pouco se lhe dando caia em terreno fertil ou em atoleiro ou pedregal. Assim tambem o que encontra a vibora retransida e a desentorpece ao calor do seio ou salva o escorpião do fogo não merece lou-



vor porque, com bondade insensata, em vez de fazer o bem, concorre para que se multiplique o mal. Que fez esse homem com os largos beneficios em que foi tão prodigo ? accrescentou o numero dos ingratos. Recebê-lo no céu, onde só devem entrar os justos, é commetter iniquidade acolhendo ao que errou.

Não foi senão depois de muito pensar que resolvi dividir o coração do homem em duas partes, como a balança, para que o mal pudesse ser pesado com o bem. E que ha na concha do Bem ? nada, porque tudo que nella devia estar como bondade degenerou em perversão e só nella apparecem ingratos. A Caridade perfeita deve ser atilada e prudente, para que lhe não saia das mãos, em esmola, o sustento do Mal. E Didymo, o piedoso, que deixou no mundo? uma multidão de perversos. Que pague pelo mal que fez, enchendo a terra de ingratos ».

Disse e voltou o rosto ao que fôra na vida Didymo, o esmoler.

## Flores d'agua

---

Têm as aguas os seus jardins, mais bellos do que os da terra e, no tempo das flores, mais cheirosos.

O pescador, que os conhece, não se illude ao dar com as ilhas verdes, que são os seus canteiros, e mette por ellas a piroga, rompendo caminho atravez das folhas largas até, de novo, sahir nas aguas livres.

Garças, que pousam no balseiro em flôr, bicando as plumas alvas, abrem as

azas ao sol e, ariscas, ouvindo o bater da pá, que o pescador maneja descuidado, abalam em bando branco, como espuma que se levantasse da cachoeira e fôsse pelos ares defluindo.

Mas o que ignora que as flores são fallacias do abysmo, maravilhado com a sua belleza, inebriado com o seu perfume e desejoso de as colher vai, no mesmo passo, da terra firme á balsa e, de chôfre, mergulha.

Nadador, embora, de que lhe serve lutar se as raizes filiferas o prendem, se tudo, na profundeza, o enliça e envolve como em teia infrangivel !

Para escapar á cilada desce o nadador ao fundo e encontra-o cenagoso : é tudo lôdo negro e viscido. Topa-o o naufrago afflicto e, revolvendo-o, levanta-o em tisne turvando, denegrindo as aguas e fazendo em volta de si turbida noite luttenta.

Misero perdido ! Falta-lhe o ar, constrange-se-lhe o peito oppresso, incha-se-

lhe o craneo, zôam-lhe os ouvidos ; a asphyxia fá-lo debater-se ansioso.

Sóbe de borco, de roldão, revira ás tontas, lança, em desespero, as mãos e enreda-as em filandras, abre espavoridamente os olhos e vê os fios que oscillam ténues, emmaranhados, como colgadura de cadilhos de ouro.

É a racinação das flores, são os liames occultos da traição : á tona, o encanto meigo e fragil ; nas profundas, pêas de morte, trama de supplicio, enleio de agonia.

E o nadador abre a boca ávido de ar e, em vez de alento, é agua pútrida que sorve.

Um gole, o primeiro . . . Afflicto, arranca impetuosamente em surto, arriba ! Outro gole, e tonteia ; ainda reage, mas entra-lhe a agua aos golfos pela boca. Desatina-se, perturba-se.

Escurece-se-lhe a vista, apaga-se-lhe a razão : já se não move a fugir, mas a morrer.

Abre, molle, languidamente os braços, afrouxam-se-lhe as pernas, impa-se-lhe o ventre, foge-lhe a alma em perolas do peito, borbulham e, a flux, dissolvem-se no ar. E a torpe vasa a enchê-lo, fazendo-o baixar, pesado e tumido, até que o poussa no lameiro, onde o sepulta.

E lá fica o curioso da belleza, nas raizes das flores maravilhosas, que continuam, impassiveis, a attrahir incautos, mais córadas ao sol, mais cheirosas ao luar.

Perfidas flores d'agua, se todos os que as avistam fôsem como o pescador das ilhas, que lhes conhece a origem insidiosa, não haveria poetas, porque a mentira das lagrimas infidas não prevaleceria e o coração passaria por ellas com a mesma indiferença com que o pescador leva a piróga por entre os camalótes que assoa-lham de verde as aguas traiçoeiras.

## O ciúme

---

Naquella manhan, sobre todas radiosa, em que o sol, que era brando, pela primeira vez ardeu, e as aguas, que eram tranquillias, arrufaram-se espumantes, Adão, que se deitara em macia alfombra, com a cabeça em uma pedra forrada de musgo, adormeceu serenamente, ouvindo cantar os passaros.

Então, Deus, estendendo, desde o céu, a sua mão direita, insinuou-a sob o corpo do adormecido, 'solevando-o de leve e, na fôrma que d'elle ficou no leito

fôfo e balsamico de alfazema e violetas, espalhou terra amassada com agua do mar voluvel e petalas de flores plasmando um novo sêr.

Sahindo, porém, a figura mui semelhante a Adão, pelo molde em que fôra afeiçoada, quiz o Senhor distingui-la, melhorando-a, e arredondou-lhe graciosamente as fórmãs, alongou-lhe os cabellos e, para assignalar que aquelle fôra o segundo sêr humano que lhe sahira das mãos, appoz-lhe ao peito duas conchas do mar.

As petalas das flores logo sobresahiram : as das rosas, nas faces ; nos olhos, as das clematites ; as das papoulas, nos labios, e as dos jasmins deram-lhe alvura á pelle. Isto feito inspirou-lhe Deus a alma.

Quando Adão despertou com o ciciar das cigarras, achando á sua ilharga aquella criatura nova, que sorria, tomou-a por um anjo, vendo, porém, em vez de azas, os cabellos que a illuminavam, teve-a por



uma projecção do sol, em contraste com as sombras que sahiam de todos os relevos.

Tocou de leve, a medo, o corpo feminino, e, logo, instantaneamente, todo o sangue lhe ferveu nas veias.

Que imagem seria aquella ?

Os animaes farejavam o ar que lhe passava pelo corpo como para aspirar-lhe o aroma ; as hervas arripiavam-se sob os seus leves e pequeninos passos e, para conservarem a caricia, retrahiam-se (e, desde então, ficou na sensitiva a susceptibilidade que a faz cerrar-se mal a tocam) ; as aguas murmuravam mais meigas se a sentiam perto, toda a natureza vibrava com o prestigio da sua presença.

E Adão, pasmado, fitou o olhar interrogativo no céu onde desapparecera, entre nuvens, a mão direita de Deus.

Eva baixara o olhar á terra, encantada com a delicadeza dos fétos rendilhados, com o variegado matiz da plu-

magem das aves que a cercavam, umas em vôo, outras pousadas, seguindo-lhe as pègádas, como attrahidas, até que chegou a um limpido remanso, vendo-se nelle reflectida.

Outra !

E voltou-se, d'impeto, para Adão que a contemplava á distancia. Todo o seu alvo corpo crispou-se em arripio, de purpura tingiram-se-lhe as rosas das faces, reluziram-lhe, chispando ascuas, as clematites dos olhos e, com o assomo que lhe encheu o peito, rebentaram-lhe em sangue as duas conchas do mar. Voltou-se, então, para o homem e acenou-lhe, chamando-o.

E Adão, senhor soberano da Vida, a quem obedeciam todos os animaes da terra e os que andam nas aguas e os que vôam no ar, dirigiu-se, humilde, para a que o chamava e, caminhando, sentia repercutir, dentro em si, o rumor dos seus passos.

Deteve-se á escuta, attento ás pan-

cadras crebras que não eram echo, mas sons proprios vibrando-lhe no peito. Olhando, então, airadamente, em volta, á procura de Deus, que sempre lhe apparecia nas suas ansiedades, viu a mulher de pé, envolta nos cabellos louros, que, ora o olhava a fito, ora baixava o olhar á agua lisa, onde a sua imagem se reproduzia.

Chegou-se timidamente a Eva, cingiu-a pela cinta e os longos cabellos de ouro cobriram-nos a ambos.

Ardendo, porém, em sêde, inclinou-se Adão á beira do remanso, unindo as mãos em concha para dessedentar-se. Mas a mulher oppoz-se-lhe vivamente ao gesto, não consentindo que elle bebesse daquella agua, que era da outra, que lá estava no fundo.

E foi assim que, da primeira illusão, nasceu o ciúme, reflexo do proprio amor.



## Redempção do fogo

---

Sentado no pino do alcantil mais alto, olhando merencoreamente o barathro em que se acapellavam enormes labaredas, Satan meditava. As legiões dos cherubins, que o haviam acompanhado na rebeldia infanda, eram tão numerosas que, com as azas largamente abertas, formavam abobadas acima do immenso mar de fogo.

O rumor do flammejo resoava soturno e, a espaços, em algum dos negros

penedos, que avultavam borrifados de faíscas, coruscando em laivos de torrentes, um dos cherubins baixava colhendo as azas e, acenando com o punho irado para a Altura, injuriava tonitruosamente o Todo-Poderoso.

Satan não tirava os olhos do lumareu que lhe espadanava aos pés. O coração raivava-lhe no peito, mais incendiado em odio do que em chammas ardia aquelle ergástulo da eternidade.

Como lutar com a Força que se impuzera invencível? Toda a Vida ficara sob a dependencia do Altissimo. Que lhe restava, a elle, que fôra no céu o maior dos espiritos, o conductor da milicia augusta? aquelle degredo lugubre. D'ali havia de tirar meios de dar batalha a Deus, de vingar-se da affronta que o humilhara aos olhos dos anjos inferiores, que se retrahiam só com o estridor do seu vôo ali-possante.

E cogitava taciturno, indifferente aos anjos que esvoaçavam attonitos, ba-

tendo, d'estrondo, as azas desmesuradas.

Subito, alumando-se-lhe o espirito, o réprobo sorriu estranhamente e, levantando-se altivo, encarou a Altura com atrevido olhar de desafio.

Desceu a escarpa adusta atolando os pés em lava férvida e, inclinando-se sobre o abysmo, tomou nas mãos o fogo que rebramia apollegando-o, assoprando-o para infundir-lhe maldade e foi assim, pouco a pouco, obtendo uma massa compacta que endurecia e brilhava em brasa.

Então, dirigindo-se aos cherubins, que o contemplavam attentos, mostrou-lhes o que obtivera, e disse :

— Aqui tendes o fogo consolidado. Devolvamo-lo a quem no-lo deu como tormento. Apedrejemos o céu com a sua propria vingança.

E os cherubins, baixando em enxames sobre o fogo, como corvos famintos em carniça, puzeram-se a trabalhar afor-



çuradamente na grande obra da revindicta e, ajuntando os blocos, começaram a apedrejar o céu com elles.

Deus, porém, serenamente os recebia nas mãos e, um a um, assim como lhes chegavam, prendia-os na abobada, abençoando-os, e logo irradiavam em astros illuminando a noite.

Vendo-se, ainda uma vez, vencido, Satan rugiu, rangendo os dentes; logo, porém, acalmando-se, disse aos cherubins revéis :

— Deixemos o céu. A obra maior de Deus, aquella que Elle mais estima, é o Homem.

Conspurquemo-lo. Subi aonde elle se acha e vive em serenidade levando convosco o fogo sólido, embuti-o nas entranhas da terra, encravai-o no coração das penhas, esfarellai-o nos rios e dominaremos o mundo paradisiaco.

Assim fizeram os cherubins e o fogo petrificado espalhou-se em blocos e em folhetas, em piscas e em arêas de ouro e

logo inflammou-se a cubiça no coração do Homem e accendeu-se a vaidade na alma da Mulher. E nasceu a sizania, cuja flôr é o odio, e geraram-se os dissidios entre irmãos ; povos armaram-se degladiando-se, envileceram-se as consciencias, depravou-se a virtude e não houve poder no mundo que contrastasse com o do fogo satanico, que tudo vencia e dominava.

Orgulhoso da sua astuciosa victoria, Satan sorria pensando na colera do Altissimo ao vêr a destruição que fazia entre os homens o fogo do abysmo. Mas o Senhor, que não se descuida da Vida e tudo vê e a tudo attende com solicitude magnanima e ordem absoluta, regulando o lentejo de uma gota d'agua como governa a nuvem e o raio nas tempestades, descobrindo a traição do adversor, que tornara contra a sua misericordia o elemento lustral, chamou a mais meiga das tres virtudes elyseas e, beijando-a na ronte, disse-lhe :

— Vai á terra onde os homens se guerreiam e degradam disputando a ferro e a infamias o fogo infernal, toma uma centelha ou lasca e applica-a como te ordenar o amor, e não só corrigirás o mal que alastra como ainda remittirás o fogo de tudo quanto de funesto e cruel tem feito por influência do Espirito rebelde.

Despediu-se a Virtude das suas irmans descendo ao mundo tumultuario.

Logo que pousou na terra fria — porque era inverno e nevava — ouviu o lamento de um pobresinho que, encolhido em palhas humidas, tiritava transido e com fome.

Foi-se a Virtude a uma rocha e, extrahindo-lhe do coração uma pepita de ouro, deu-a ao pobresinho.

O misero sorriu beijando a dadiva e, com esse beijo, molhado em lagrimas, purificou-se o que Satan creara para macular o mundo e foi assim que, com uma parcella minima da immensa perversidade, a emissaria de Deus inutilisou a obra

nefanda do Mau Anjo, redimindo o fogo-aureo de todos os males que provocara com a suave misericordia da primeira esmola.



## Fidelidade

---

Emquanto o velho mordomo ia repondo no cofre de ébano, de onde as retirara para mostrá-las ás damas, as joias da princeza finada, o principe não fez o gesto mais leve, não disse palavra, immovel e taciturno.

Quando, porém, o ancião tomou pelo punho de ouro, recamado de gemmas, o espelho da morta, acceso em colera subitanea, o principe arrebatou-lh'o da mão e, duma das janellas, lançou-o, de toda

a altura do castello, ás profundezas do abysmo.

A velhice do mordomo não lhe permittiu acudir tão agil que lograsse salvar da inesperada colera o mais bello e precioso objecto e o mais amado de todos quantos haviam acompanhado a vida breve, graciosa e pura da princeza.

— Senhor, que fizestes ! ? exclamou encarado no amo, cujo olhar desvairado afuzilava ira. O que lançastes no penedio era o companheiro da senhora, que a toda parte a seguia, como medalhão da sua imagem. Carbunculos e perolas, saphyras e esmeraldas, prasios e amethystas, todas as pedrarias e o ouro que as engastava não se sentiam della ; o espelho, esse tomava-a toda em si como a memoria guarda as impressões. Porque tanto desamor com elle ? Ingrato sois !

Com taes palavras mais se enfureceu o principe e, investindo ao velho, silvou-lhe em rosto :

— É a mim que accusas de ingrati-



dão ? É a mim que recriminas, mestre de camarilha, versado astutamente na mentira, perito na arte de dissimular ?

Defendendo o espelho, defendes-te a ti mesmo, velha raposa hypocrita e, se, de outro modo, te pronunciasses condemnarias a tua propria alma, que se rebuça no manto da lisonja, todo elle em fólhos de versatilidade. Fazes bem, velho cadimo ! É a mim que accusas ! A mim, que castiguei a perfidia !

Esse, tu o disseste, era o seu objecto preferido. Nelle revia-se contente e confiante, trazia-o sempre comsigo para fazer-se bella. Era elle o portador da sua sombra viva, o quadro da sua belleza, o oratorio da sua effigie, o cofre dos seus encantos. Só a elle, entendes tu ? eu consentia que ella sorrisse e falasse em confidencia. Era o rival dos meus olhos. E que fez ? Tanto que a perdeu de vista logo a esqueceu para o sempre.

Todas essas damas, que por aqui passaram, quizeram vê-lo e elle a todas re-

cebeu amavel, reflectindo-as, portando-se com ellas como se portava, outr'ora, com a que se foi. E achas que eu devia conservar entre as joias fieis essa volubilidade ?

Todas as pedras ficaram com as suas côres proprias, as mesmas que tinham dantes ; elle, não : logo enfeitou-se com as vivas côres dos olhos que o fitaram. E a essa inconstancia louvas ? Parecer de cortezão.

— Senhor, contraveiu o mordomo, se não desvariais, sois cêgo. A vida não pára, não póde parar, e o espelho é a sua imagem. Se nos prendessemos á morte, ai ! de nós . . . valeríamos tanto como os sepulcros.

Vêde o rio que corre : vai retratando nas suas aguas o que lhe fica á margem. Vêde a arvore : reluz viçosa e dourada no estio, amarellece e murcha no outomno, mirra excidua no inverno, reverdece e enflora-se na primavera. São as estações que passam por ella como as ima-

gens nos espelhos. A criança e o velho são reflexos do tempo na vida, e a vida é immutavel, impassivel como o espelho.

Que havia de fazer a placa polida se não reproduzir fielmente o que se lhe antepunha ? Se tal não fizesse então não seria o que é.

Quereis que a terra escureça quando o sol brilha e que refulja em claridade de ouro quando anoitece ?

Ponde uma suspeita ou saudade n'alma mais limpida e feliz e vê-la-eis nublar-se instantaneamente. Favorecei o mais desgraçado dos homens com um instante de ventura e logo sorrirá, como o paúl rebrilha se lhe dá em cheio o sol.

Só ha um meio de manter o espelho fiel á sua primeira dona — é encerrá-lo num cofre lançando-lhe a chave ao mar.

Cuidado, senhor, não vos chegue o dia em que, por fidelidade, se a quizerdes guardar á morta, tenhais de atirar do alto da torre ao fundo do abysmo o vosso coração.



## S o l

---

Andando em visita ao eremiterio achou-se o velho abbade diante de uma escavação, como fojo armado a féra, a dois passos da choça humilde de um dos mais virtuosos monges e, como o chamasse repetidas vezes, respondeu-lhe da co-va uma voz fatigada.

— Sois vós, irmão ?

— Eu mesmo, meu padre.

— Como assim, de tão longe, me reconheceis ?

— Pela irradiação que vos circumda

a frente, que é o esplendor do vosso espirito beato.

— Louvado seja o Senhor que me assignalou com a sua Bondade para que percebesseis a minha voz e viesseis a mim. Que fazeis ahi incluso ? Como quereis viver onde a propria luz se extingue e a alma não desce ? Tornai para o vosso ambiente, que não é de vivos ficar onde jazem os mortos.

Obedecendo ao abbade surgiu da cova o monge esqualido, prostrando-se humildemente, de bruços, com a face de rojo.

— Porque assim desceis quando deveis subir ? Em vez de fazerdes cova, que é metter-vos pela terra dentro, exercitai-vos em obras espirituaes que abrireis entrada facil no céu.

Então, d'olhos baixos, vexado, o monge falou com simplicidade :

— O que aqui faço, meu santo, não é trabalho para a morte, senão para a vida e para o bem. Ando, ha tempos, queren-

do plantar um raio de sol ; um raio de sol que abotõe em madrugadas, madrugadas, como as do céu, que desabrochem em dias. Um raio de sol que se desenvolva e cresça como as plantas, frondeje em ramas de luz sob as quaes venham sentar-se os monges e os pobresinhos no mais rijo do inverno, que aqui é sempre aspero e demorado.

Sorriu o abbade e, fazendo erguer-se o monge envergonhado, disse-lhe com benignidade :

— Tanto vale cuidar, como os de Babel, em construir uma torre para escalar o céu como em plantar um raio de sol para produzir claridade. Arrogancia é essa que só vos podia ser suggerida pelo Maligno. A luz e o ar, meu irmão, são emanações divinas : soterrá-las ou afogá-las é tão impossivel como conter o pensamento, talhar a luz a golpes ou pôr limites á esperança. Quanto mais terra lançardes sobre o raio de sol, mais elle se levantará no proprio sumidouro,



assim como na maior desventura cresce mais a esperança.

O ar, o pouco que baste á respiração de uma formiguinha, se o afundardes no abysmo, logo affluirá á tona, vencendo, em bolha, a densidade do oceano.

Quereis plantar o sol ? tirai-o de vós, que o tendes em espirito, como o possui em germen a semente. Todos nós plantamos sol, cada qual onde lavra : este, no espaço ; aquelle, no tempo. Todos nós plantamos sol, não em covas da terra, mas nos corações e nas almas e é com esse sol, que plantamos, que a Humanidade se alumia e aquece.

Tudo é sol : o puro e o impuro, o bem e o mal — luz e calor aqui ; incendio além. Em certos livros ha tanta claridade como nos dias mais luminosos de verão ; em outros tudo é chamma e lava. Assim como respiramos, resfolegando e devolvendo ar, assim recebemos e despedimos sol. Não sentimos o ar que nos pe-

netra, como não percebemos a luz que em nós se infunde.

O que fazeis na terra com tão arduo trabalho farieis suavemente, e com utilidade para a vida, colhendo no coração o que tendes em bondade e cultivando no silencio, que é onde se accende o sol, as forças vivas do vosso espirito.

Se quereis plantar luz, raios de sol, vinde commigo aos pobresinhos que me esperam, grandes e pequeninos. Para os grandes levo a palavra dos Evangelhos ; para os pequeninos levo a luz em centelhas, num livro : são letras, poucas, quantas bastem para que elles se conduzam na vida e dellas tirem luz que os guie, mostrando-lhes todos os caminhos da terra e do céu, do passado, do presente e a floresta negra do futuro, ainda virgem no Tempo.

Aqui vou eu carregado de sol. Ajudai-me a levá-lo, e, enquanto, na prédica, eu alumiar e aquecer os corações dos velhos, vós ireis alumando, com as

letras, as almas das crianças e assim plantaremos raios de sol na terra, que terra é o homem, e terra do Paraíso. Ora vamos á lavoura luminosa, disse.

E, tomando o monge pelo braço, caridosamente, e sorrindo da sua simplicidade, lá o foi levando a caminho da ermida.

## Outra vida . . .

---

Que significam as reminiscencias que, em horas quietas, subitamente, me afluem do fundo da memoria como essas bolhas tremulas que sobem á flôr dos lagos ?

Como explicar que eu me não recorde de um instante proximo e veja, ao vivo, como se as tivesse presentes, scenas que se desenrolam em um paiz de claro sol, de rios mansos, beirados de palmeiras e templos ?

No tumulto de multidão florida em

côres álares, faiscante de armas e de pedrarias, caracolam ginetes de jaezes rútilos, acaparaçoados de xaireis attallicos.

Do alto de eirados brancos sobem espiras de fumo e vozes e sons afinados de instrumentos languídos.

Airosas mulheres passam, repassam como visões aereas e tão finas e diaphanas são as suas vestes que parecem de espuma ou de nuvens, como se ellas houvessem surgido do mar ou baixado do céu.

E eu vejo-me como reflectido em immenso espelho, eu, outro em typo, mas o mesmo em espirito — guerreiro, á frente duma algára, entre lanças que flammejam limpidas, irradiando ao sol.

Que significam visões taes ? Que espectros serão esses da memoria ?

Um perfume que passa subitamente no ar, um som de musica longinqua, ás vezes uma só palavra, uma pedra de ruina, a sombra inquieta de um ramo, o len-

tejo molle de uma gota d'agua acordam em nós saudades remotissimas de um momento da vida, de passageiro instante de angustia ou de alegria.

E essa « evocação » de uma era milenar, de uma outra existencia quem a provocará ?

A saudade é o residuo de alguma coisa que foi e se essa resurte em mim, ainda que diluida em reminiscencia, é porque vem de outro tempo, de outras dôres soffridas, de outros prazeres gosados, de outros sonhos, de outras desilluções, de outra vida, em summa, por cima da morte, que não é mais do que um intervallo na continuidade da Vida.





## O restaurador de symbolos

---

Fôsse qual fôsse o idolo ou talisman :  
abadir ou acinace, imagem caprichosa ou  
monstro, pedra lunar ou tronco bruto,  
elle tomava-o, recompunha-o ou repara-  
va-o refazendo-lhe a fórma, reavivando-  
lhe as côres, recenando-lhe os dourados,  
remontando-lhe as pedrarias e restituia-o,  
como novo, ao culto para que, por sua  
vez, reviçasse a Fé nos corações.

Que lhe importava fôsse um symbolo  
disforme, se os crentes lhe attribuiam

omnipotencia e delle tiravam o alento da esperança ?

Chamaram-n'o, certa vez, para restaurar um touro de bronze, em cujo ventre, que era uma fornalha, os sacerdotes sacrificadores encerravam victimas humanas.

Em dias realisou a obra, dando-a com o mesmo aspecto truculento de outr'ora, mais horrivel, talvez. Bandos de serviçaes ateiaram o fogaréu.

Crianças foram lançadas ao holocausto e, quando elle deixou o templo em festa, a immensa abobada atroava lugubres mugidos, que eram os gritos das pequeninas victimas passando unisonos pelas fauces do monstro.

Mas todo o paiz rejubilava com a esperança de que tamanho sacrificio seria propiciamente compensado com annos doces de paz, abundancia de pão e outras mercês divinas que a todos alcançariam.

Que importava, pois, o gemido de

cem mãis, se milhões de outras viveriam felizes nos seus lares ?

E, deixando o sacrificio, foi-se contente com o que fizera e logo um lhe pediu o concerto de uma deusa, outro que lhe accendesse a carbunculos os olhos de um trasgo ; um barbaro exorou-o a afiar a espada que adorava. E a todos, indistinctamente, o peregrino attendia.

Passando, uma tarde, diante da cabana de um eremita, viu a cruz tombada e já se dispunha a levantá-la e corrigi-la, quando o solitario investiu com elle, enfurecido :

— Detem-te, impio ! Não ponhas mãos profanas no symbolo sagrado, tu que sustentas todas as superstições e lhes refazes os idolos com teus pinceis e buris, para que contrastem com a cruz.

Mas o peregrino, erguendo-se do trabalho, falou, de animo sereno, ao penitente.

— Por que me repelles de ti ? Eu, o

que fiz ao tosco manipanço do negro, fiz á Venus hellenica, formosa entre as formosas ; fiz á espada do scytha, ao touro carthaginês, á Isis egypciaca, a serpentes e dragos, arvores e flores, a todos os symbolos, não pelo que são, mas pelo prestigio que exercem nas almas com a illusão que propinam.

Tu, porque te exilas neste deserto, nutrindo-te de hervas amargas e de raízes, entre feras e sevandijas, senão porque imaginas conquistar assim o que te promette a tua Fé ?

Escolheste uma estrada aspera de espinhos ; outros vão por alfombras, outros por areaes candentes, outros por entre lirios e rosas e todos esses caminhos guiam ao mesmo rumo a que conduz a tua Via-Sacra.

O lume é um, a lenha póde ser qualquer. Tanto calor e brilho dá o tronco do cedro como o do pinheiro, do álamo, do carvalho ou da cerejeira e até com um pouco de folhas seccas póde o homem alu-

miar-se e aquecer-se. O necessario é ter lume.

Deus é um só em varios symbolos e altares.

Eu não faço mais do que perpetuar a Fé, como a vestal conservava vigilantemente o fogo sagrado.

Chamam-me o « Restaurador de symbolos ». Eu sou o Poeta, conservador da Illusão. E, assim como levanto a cruz no teu eremiterio e vou encher a tua bilha á fonte proxima, ajudo o esculptor a tallar a pedra que ha de ser Jupiter, canto no côro dos druidas quando, com a foice de ouro, elles percorrem os bosques colhendo o verde agárico.

Sou o mantenedor do Sonho e a minha religião, como o sol, é o nucleo de onde partem todos os raios da Fé e chama-se — Poesia.

E necessario dar calor aos corações, para que elles creiam e amem. Que faço eu ? Onde encontro o lume vasquejando ateio-o, para que rebente de novo em

chammas. Que importa a lenha ? o lume é um só.

E, deixando a cruz de pé, foi-se pelo deserto, caminho das cidades, restaurar idolos e monstros para eternisar a Fé.

## Os moleiros

---

*A Alberto de Oliveira*

Avistavam-n'o de longe, assomado na collina, e as sombras das suas grandes azas, padejando, dançavam na terra, ao sol, endemoninhada farandula e ainda, pela noite dentro, a cítola taramelava, porque tanto era o trigo accumulado nas tulhas, e sempre a chegarem cargueiros, que o moinho girava sem descontinura e os depositos, em vez de diminuir, cresciam como por milagre.

Récovas cruzavam-se no caminho,



abaixo e acima, com alegre tinir de chocalhos e vozear de almocreves.

E o moleiro, no limiar do moinho, presidia orgulhosamente á descarga das alimarias, fiscalizando as contagens dos ceirões e emprazando, com delonga, a entrega da farinha.

Rico era elle ! Oh ! se era ! . . . Vê-lo nas feiras era como vêr um príncipe, com o seu casacão de alamares, o largo chapéu de plumas, cinta de sêda e botas de couro fino, fazendo arrifar a egua, que reluzia sob jaezes de prata.

Nos alpendres das estalagens falava-se do seu moinho como das torres encantadas das historias, nas quaes havia thesouros guardados por dragões.

Tal homem, entretanto, amargurava desgostos, passando noites em claro, a caminhar pela eira, entre dois alões, com os quaes, ás vezes, descia por veredas revessas da matta. Seriam amores ? Não eram.

Dizia-se, á boca pequena, que elle

tinha encontros com o diabo em certo carcavão do bosque, onde golfava, como nascida no inferno, uma agua enxofrada e fervente.

Mas a verdade era outra. O moleiro mordia-se de inveja de um visinho, pobre homem, dono de uma tira de terra, que não dava mais que dois carros de trigo e de uma azenha á beira do correjo.

Elle sósinho lavrava o seu alfobre, cantando ; ceifava, recolhia as gavellas, debulhava as espigas, e, depois de muito escardear, levava o grão a moer. E a farinha que sahia era branca como o luar e cheirava a flôr.

Mal começava a moagem logo diziam na aldeia :

— Aroma de trigo novo . . . É da azenha. Não tarda ahi o famulo do bispo a buscar farinha para as hostias.

E o moleiro da collina, quando tal ouvia, arrepelava furiosamente as barbas.

« Pois então elle, moleiro rico, só ha-

via de trabalhar para villões e o outro, um quasi mendigo, teria a gloria de fornecer ao altar ? ! »

Uma noite, raivando, desceu com os alões á margem do corrego, e, vendo luz na azenha, bateu. Abriu-se logo o postigo e, com uma lanterna levantada á altura dos olhos, o moleiro appareceu, perguntando :

— Quem está ?

— Eu, visinho. Vi luz na azenha e, receioso de que vos houvesse acontecido alguma coisa, bati.

— Não, visinho. Graças a Deus, para quem trabalho, nada me aconteceu. Aqui estou em serão com as aguas, porque tenho de dar trigo para hostias. Ha tres dias que não faço outra coisa senão sessar farinha.

— Tres dias !

— E pouco é o tempo, que eu, se pudesse, ainda o dilatava para que o meu trigo, que é todo candil, sahisse tão limpo que nelle se não achassem vestigios

de sizania. Mas é tão difficil apurar que, por mais que se escoime, sempre nos escapam milhares de joio.

— E quantos saccos moeis ?

— Cinco, no maximo, e quando a safra é abundante.

— Pois eu, num dia, empilho cem, disse, orgulhosamente, o moleiro da collina.

— Acredito, visinho, porque a vossa farinha em toda a parte apparece. Mas o pão que, com ella, fazem, dizem-no todos, logo depois de cosido, azeda e torna-se tão duro que o mendrugo, que delle dão aos pobres, fica nas cercas e nem os cães o querem.

Para que dê bôa farinha não só pede o trigo terra propicia, sol e rega, orvalho e chuva, amanho e limpa, méda em secco, como escolha cuidadosa, canoura aceiada, mó de peso, joeira e tamiz e ainda assim não sahirá de todo estreme. O vosso trigo, tal como o recebeis, assim o lançais na tremonha. O resultado é sem-

pre sahir a farinha palhiça e com eiva que a torna escura e amarga.

— Tendes razão, visinho, tornou o ricaço com ironia: A vossa farinha é excellente e a minha só se aproveita em brôas. Mas porque será que o meu pão enriquece e o vosso, tão puro, não dá, sequer, para a vossa fome?

— Dá para mais, visinho, para muito mais, porque me contenta o coração. Para a minha felicidade e gloria basta-me o candil que tiro, fino, cheiroso e alvo e dou-me por bem pago dos trabalhos e venturoso da maior fortuna quando, aos domingos, entro na igreja e vejo o sacerdote levantar a hostia e toda a gente prostrar-se diante della: hostia do meu trigo, trigo do meu campo, semeado, ceifado, moído por mim.

## Taperas

---

A noticia do descoberto alvoroçou os moradores da redondeza e, levada por tropeiros de povoado em povoado, de villa em villa, até a cidade, poz em levante de avidez a toda a gente rica e pobre, valida e decrepita. E começou, desde logo, a entrada sertanista.

Era de tudo pelos caminhos e veredas, dia e noite, em correição de formigas : carros de bois rangendo, liteiras, récovas e cavalgadas ; e pedestres calcurriando : uns ligeiros, cantando ; ou-

tros cabisbaixos, melancolicos como arrependidos da aventura.

E havia-os que seguiam lentos, arri-mados a bordões ; e até enfermos, passo a passo, arquejando, como se fôsem a santuario cumprir promessa.

À falta de ranchos acampavam ao tempo, accendendo fogueiras. Os mais felizes armavam rêdes nas arvores ou, estendendo os pellegos, dormiam sobre os apêros, tiritando á orvalhada das manhans friissimas.

O sitio do veeiro novo era aspera garganta estrangulada entre penhas, com um correjo em serpeio limpido.

Mal chegados, antes de firmarem pouso, iam-se pelos alcantis, feriam-nos a golpes de almocafre, reviravam a pá o saibro do chão, bateiavam as arêas do correjo.

O primeiro que descobriu uma pisca annunciou-a bradando e foi logo um tumulto em volta do faiscador afortunado.

Em mezes o reconcavo de rochedos,



dantes convaca de onças e couto de foragidos, tornou-se como uma cidade.

Affluiram mercadores, bufarinheiros e saltimbancos. Foram-se os palhiços a pouco e pouco substituindo por moradias de sobrado, com jardins e pomares; abriram-se lojas e officinas; e um padre, que apparecera, obteve meios de erguer uma capella.

E as tropas, que desciam carregadas de ouro, cruzavam-se com vindiços e, todos os dias, eram gentes novas.

Uma noite salteadores romperam de improviso. Houve combate e mortes e logo se resolveu organizar a defesa do arraial, guardando-o a mão armada.

E o trabalho ambicioso proseguia com estrondo: voavam em estilhas os penhascos, abriam-se as rochas em cavernas, tudo era brocado, escalavrado, poído.

Por uma pepita de ouro esbarrondava-se uma collina; uma palheta, entrevisita num lesim de rocha, era-lhe sentença de destruição.

O corrego, tomado em quelhas, perdeu o encanto, esparzindo-se em regos, cadá qual a um rumo, para servir a este ou áquelle. E tudo desmantellou-se como se um cataclysmo houvesse por ali passado, até que desapareceu o filão e só restaram destroços: pedregulho e cascalho, arêa secca e agua pútrida, cavados e lamarões. Então o primeiro resolveu abandonar o sitio, dizendo-o inhospito, tristonho e doentio; outro logo o seguiu saudoso da cidade.

Levantaram-se bandos e todo o povareu abalou maldizendo o pragal, e casas de moradia, lojas, officinas e até a capella ficaram vasia, abertas ao tempo. E o sitio racahiu no primitivo silencio.

O matto encobriu os caminhos, as arvores cresceram restaurando a floresta e tornaram-se como moradoras das casas; os animaes regressaram do exilio e, hoje, quem até ali se afoita, pasma do que vê — os rochedos esboroados, abertos em algares, fendidos de meio a

meio, montes de pedrouços, dunas estrepadas de cardos, pantanaes coalhamatto. É o que resta do fastigio, dos de hervas, ruinas de casario em competição aforçurada, das festas, da alegria de outr'ora.

Terra esgotada ! Pobre de ti ! Ainda assim és mais feliz do que o homem que se deixa explorar.

A ti, no abandono, voltam as arvores, e, com ellas, os passarinhos ; ao misero, que deu tudo que tinha nalma, nem as illusões consoladoras tornam e na miseria em que fica, além da indiferença do mundo, ainda o affronta o desprezo dos que lhe aproveitaram o genio.



## O pharol

---

Hirto, espigado na crista do promontorio, entre esboroadas rochas, negras, como de ferro, e seixos a granel, erige-se o pharol, a prumo sobre o oceano, solitario na agrura do sitio taciturno. Vagalhões rebentam estrondosamente em baixo, esfrolando-se em espumarada fêrvida e a grita rispida das gaivotas, voejando assanhadas acima do marouço, torna medonha a tristeza do degredo lugubre, entre o negror das pedras, o

azul metallico do céu e o verde lurido do mar.

Ao sol, a torre dorme silenciosa e branca e, subindo dentre os penhascos, parece um dedo immenso apontando o céu.

À noite, porém, accende-se á maneira de um cirio e o seu clarão irradia ao longe, esteirando longamente as aguas arquejantes. Tanto, porém, que se lhe illumina o viso, esconde-se-lhe o corpo sumido na treva sem que, de toda a claridade que, generosamente, espalha, lhe aproveite a minima centelha. O seu brilho, piscando a côres, atravessa a caligem tremeluzindo em via-lactea nas vagas.

E, por elle, atravez do negrume, guiam-se os maritimos transitando sem risco e, assim, passa, dentro da noite tenebrosa, a vida com tudo que é nella espirito, belleza, alegria, fortuna, gloria e força.

E a torre não apparece : della apenas

se vê, longinqua, a luz propicia assignalando a costa e alumando o mar.

Que importa aos navegantes saberem quem é o manobreiro do lume, a mão destra que brande, pervigila, infatigavelmente, no mysterio da escuridão, aquella espada flamminea que afugenta as perfidas sereias ? O clarão lá está, perenne. Que mais ?

Seja a noite limpida, de luar, ou tormentosa, de trovões e raios, de brisa mansa e tépida ou de rugidoras ventanias gélidas, estiva ou de borrasseiro, o pharol lá está sempre acceso, sempre attento, norteando as singraduras, cercando d'aves que, em alvoroçado bando, batendo furiosamente as azas rijas, arremettem ao lanternim atitando de raiva.

Que importa a torre ? Quem a vê ? Justamente quando mais a sua luz relumbra mais se occulta, como se toda se concentre no esplendor que irradia.

Ella é o clarão que brilha e salva, é o rumo, a segurança, a vida — tudo para



os que passam, nada para si mesma. Conhecem-na os pilotos que por ella roteam, os mais vêm-lhe apenas a refulgencia iterativa dentro da noite. Dealba, abre-se o céu em côres de ouro e perola e logo se extingue a luz no lanternim.

Então, ao vivido sol, apparece hirta, espigada na crista do promontorio, a torre branca. Á noite, quando reverbéra ninguem a vê.

Rompe a manhan e a torre, então apagada, desvenda-se em toda a grandeza, alva, como de marmore, a pino sobre o negror dos penhascos. As vagas, que a cuspihavam, marulham-lhe aos pés, submissas ; as aves, que lhe eram hostis, revôam-lhe em volta em aureola, e, em vez dos raios fulminantes, douram-na os raios do sol. E o dia exalta-a.

Assim o pharol só apparece triumphante quando no viso se lhe extingue a luz,

Tal é o genio.

Emquanto vivo ninguém o vê. Só a sua luz refulge e toda para os que passam. Ninguém dá por elle no degreço em que jaz.

Vai-se-lhe, porém, a vida e, com ella, o destino ingrato. Raia o dia eterno e, assim como a torre, ao sol, impõe-se á vista no promontorio aspero, assim dos tormentos, das injurias e da indifferença tenebrosa levanta-se, destacando-se em esplendor triumphal, a figura do illuminador, como o pharol que só é visto quando, apagado, avulta ao sol como torre de luz.

---



## INDICE

---

	Pag.
O Riso e a Lagrima. . . . .	7
A Filha da Verdade. . . . .	9
Palavras . . . . .	17
O segredo do Mago. . . . .	19
A arvore dos pobres . . . . .	29
A sombra. . . . .	35
O meu cofre. . . . .	43
Boi de Piranhas . . . . .	47
A ultima corda. . . . .	55
O mais pobre . . . . .	61
Castalia . . . . .	67
Entre pescadores. . . . .	71
A caixa de Pandora. . . . .	79
Na montanha da neve . . . . .	83
O sapato de Natal . . . . .	87
Na tenda do oleiro . . . . .	93
O Ribeirão e o Mar . . . . .	97
A cega que viu. . . . .	103
Poesia de pastor . . . . .	113
As tres irmans. . . . .	119
No oasis . . . . .	125
Na varanda, ao luar. . . . .	133
Paradísia. . . . .	141
A Mentira. . . . .	145

	Pag.
A cigarra e a formiga . . . . .	151
Aguas subterraneas. . . . .	157
O relógio . . . . .	161
Querencia . . . . .	169
O fruto da Arvore da Vida . . . . .	175
A victoria do principe. . . . .	179
O segredo . . . . .	187
Nupcias . . . . .	191
O esmoler peccador. . . . .	195
Flores d'agua . . . . .	203
O ciúme . . . . .	207
Redempção do fogo. . . . .	213
Fidelidade . . . . .	221
Sol. . . . .	227
Óutra vida . . . . .	233
O restaurador de symbolos . . . . .	237
Os moleiros . . . . .	243
Taperas . . . . .	249
O pharol . . . . .	255



10











UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL



00050748707